A Cena Muda

Biblioteca Nacional Rio de Janeiro

CINEMA e RÁDIO

DISTRIBUÍDOS os "OSCARS" de 1952

O "SEX-APEAL" de um CASANOVA ARGENTINO

Quiseram torpedear a "Eldorado"

N.º 14 ★ 1-4-53 ★ Cr$ 4,00 em todo o Brasil



É A "MELHOR CABEÇA" DA ESCOLA... E USA O "MELHOR CALÇADO DO MUNDO".





insinuante

é a maior e melhor sapataria da America Latina, é tambem uma galeria á sua disposição com agua geladinha sempre as suas ordens.

O Brasil fabrica o melhor calçado do mundo e a **INSINUANTE** *vende o melhor calçado do Brasil*

CARIOCA, 46-48
SETE SETEMBRO, 199-201

LEVY KLEIMAN
apresenta em



CINEMA

Reportagens especiais:

Encontro com os artistas franceses em Copacabana	4-5
Presença de Maria Bonita entre os Cangaceiros	7
Duas crianças no filme russo "Era uma vez uma menina", na palavra do próprio diretor	11
Os premiados de 1952 pela Academia Cinematográfica de Hollywood	15
O sex-appeal de um Casanova argentino	18-19

Cine-Romances:

Não desonrei seu sangue	12
E' primavera	14
Precipícios D'Alma	16-17

Seções permanentes:

Comentário — Livio Dantas ..	3
Estréias no Mundo do Cinema .	6
Telas da Cidade	8-9
Noticias e Comentários do Cinema Nacional	10
Cine-Mundial	13
Cena Responde e Cine-Critica do Leitor	20

RÁDIO

Reportagens especiais:

Neuza Maria assassinou Vassilik Purckio	21-22-23
O Baião da Solidariedade	25
Charles Trenet em S. Paulo ...	26
Quiseram torpedear a Eldorado	27-28

Seções permanentes:

Disse-me-disse, daqui-dali-dacolá, Pontos de Vista e Vale a pena saber	24
Sintonizando e Rádio-Social ..	33

Rádio-Novela:

As Rosas de Maria Angélica (Capitulo 31), de José Fernandes	31-32

Música popular:

Para Você Cantar	30

COMENTÁRIO

Voltarão os jornais cinematográficos?

Dizer que o assunto já fêz correr rios de tinta é positivamente um exagêro. Mas, que já provocou debates, que motivou a vinda ao Brasil do "czar" do cinema americano, sr. Eric Johnston, que já foi objeto da promulgação de uma lei e que será também, ao que tudo indica, o objeto da revogação da mesma lei, isso é verdade. Como se vê, o assunto é e foi palpitante. Em tôrno da volta dos chamados "newsreels" há até correntes formadas pelos què propugnam por sua exibição livre e franca, pelos que a combatem e pelos que se mostram simplesmente indiferentes.

Os que simpatizam com êsses complementos lamentam que o público esteja privado de uma excelente fonte de informação sôbre os acontecimentos de maior vulto nos quadrantes da terra. E para êstes parece supinamente botocuda uma lei que obriga a reciprocidade de exibição, isto é, dos complementos brasileiros lá fora e dos estrangeiros aqui dentro, quando é mais que sabido que nem a nós próprios interessam os tais "Atualidades", "A Marcha do Mundo", "Resenhas Semanais" e outros complementos nossos. Em abono dos que se opõem à volta dos jornais americanos, há o argumento de que êles exercem uma influência tendenciosa e que, como todo jornal, emitem uma opinião muito mais persuasiva que a da letra de fôrma.

Colocada a questão nesses têrmos não será difícil verificar onde está a verdade e o bom-senso. A mim me parece que a exibição livre dos complementos cinematográficos está amparada pelo mesmo princípio de liberdade que protege a circulação do livro, do jornal e da revista. E até hoje ninguém se lembrou de fazer uma lei para tornar obrigatória a venda de revistas brasileiras nas bancas de Nova York simplesmente porque aqui circulam "Time", "Life" e outros magazines americanos. Por outro lado, o argumento de que êsses jornais cinematográficos procuram conduzir a opinião pública para um fim determinado nos parece um tanto pueril, pois, é preciso convir que só os importamos quase que de uma única procedência, de uma facção, não existindo o lado contrário para neutralizar essa influência, ou antes, para que as influências do verso e do reverso se anulem em proveito de um equilibrado discernimento da opinião coletiva.

Mas agora parece que os "newsreels" vão mesmo voltar às nossas telas. E para isso deve ter contribuído grandemente o empréstimo de trezentos milhões de dólares que nos foi concedido pelos Estados Unidos... Pelo menos, entre outras exigências a que os credores condicionaram a concessão do dinheiro, uma delas foi a liberação dos jornais cinematográficos. E assim, tudo vai voltar ao que era e nem foi preciso que mudássemos de govêrno para que o dito ficasse por não-dito.

LÍVIO DANTAS

NOSSA CAPA:

Fernando Lamas, o galã argentino da Metro, é focalizado numa palpitante reportagem de Dulce Damasceno Brito, remetida de Hollywood, especialmente para A CENA, e que aparece nas páginas 18 e 19. (Foto Metro).

A CENA MUDA

Fundada em 1921
Propriedade da

COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA
Diretor — *Gratuliano Brito*
Assistente — *Renato de Alencar*
Publicidade: *Severino Lopes Guimarães*
Endereço: Rua Visconde de Maranguape, 15 — Lapa — Rio de Janeiro — Brasil

TELEFONES:
Redação 22-4447
Publicidade 22-9570
Gerência 22-8647
Administração e Contabilidade 22-2550
Portaria 22-5602

Endereço Telegráfico: "REVISTA"
Representante nos Estados Unidos da América do Norte: Dulce Damasceno de Brito. 1818, N. Whitley — Av. — apt. 202, Hollywood, 28. Califórnia.

EM S. PAULO:
Distribuição e Venda: A. Zambardino. Rua Capitão Salomão, 69. Telefone: 34-1569.
Publicidade: J. Gomes Bastos. Rua Barão de Itapetininga nº 224 — 6º andar — Sala 60.

PREÇOS:

Número avulso em todo o território nacional	Cr$	4,00
Número atrasado	Cr$	4,50
Assinatura anual (52 números)	Cr$	200,00
Assinatura semestral (26 núm.)	Cr$	100,00
Assinatura anual sob registro..	Cr$	230,00
Assinatura semestral sob registro	Cr$	120,00
Assinatura para o estrangeiro, anual	Cr$	350,00
Assinatura para o estrangeiro, semestral	Cr$	180,0[illegible]



Jean Pierre Aumont ajuda Cecile Aubry a descer à praia de Copacabana



Diretores da França Filmes, fãs e as estrêlas francesas

ENCONTRO COM OS ARTISTAS FRANCESES EM COPACABANA



Cecile posa para um fotógrafo

Tivemos oportunidade de travar conhecimento, nos salões do Hotel Excelsior, na Praia de Copacabana, com a delegação de artistas do cinema francês que ora nos visita.

A primeira pessoa da delegação que avistamos foi Cecile Aubry, a nossa velha conhecida nos filmes "Anjo Perverso" e "A Favorita do Barba Azul". Chegamos logo após o almôço. Aproximamo-nos de Cecile Aubry e Dominique Wilmes. Após algumas dezenas de fotografias que o nosso fotógrafo tirou, perguntamos-lhes, a queima-roupa, sôbre o que achavam de Copacabana e do Rio em geral. Tanto Cecile como Dominique responderam quase a uma só voz: "Copacabana" é um encanto... uma maravilha, aliás todo o Rio de Janeiro é de uma beleza sem igual no mundo!...

Perguntamos a Cecile coisas de sua vida, que seus fãs naturalmente gostariam de saber, ou melhor de conhecer: por exemplo, sua idade, onde nasceu, etc.

Cecile nasceu em Paris, aos 3 de agôsto de 1928, tem portanto 24 anos, isto é, fará êste ano ainda 25. Cecile Aubry é de estatura pequena, de complexão franzina, mas tudo em Cecile é proporcional. Seu corpo é muito bem feito, apesar de "mignon"; sua altura é de 1,59 cm. Seus cabelos são louros e descem até os ombros; usa-os quase sempre soltos. Sua tez é clara. Tem lindos olhos verdes acinzentados.

A uma pergunta do repórter, ela respondeu: — "Devo a minha chance ao Diretor Henri George Clouzot. Até a oportunidade que êle me deu, eu admirava o cinema apenas como "fan", nunca imaginando que iria trabalhar ao lado de Michel Auclair, Tyrone Power e Pierre Brasseur"... Cecile está quase sempre rindo, com aquêle seu sorriso infantil: parece mesmo uma menina de 14 anos.

A nosso pedido, Cecile falou sôbre seu trabalho com Clouzot, em "Anjo Perverso", e com Christian Jaque, em "A favorita do Barba Azul". "No princípio achei que não dava para o cinema, mas depois estive pensando sôbre o assunto e cheguei à conclusão de que, realmente, modéstia à parte, eu devo ter alguma coisa aproveitável, do contrário o sr. Clouzot não teria perdido tempo comigo, nem tampouco o filme "Anjo Perverso" (Manon) teria feito sucesso no mundo inteiro, da forma que fêz..."

A respeito de Christian Jaque, ela falou-nos da seguinte maneira: "Bem, o que eu posso dizer a respeito do sr. Christian Jaque, é que sinto-me muito orgulhosa de ter trabalhado num filme sob a sua direção. O fato dêle



Cecile e Dominique Wilmes apreciando as pedras preciosas brasileiras



Cecile Aubry numa pose especial para a CENA

Respondeu-nos: "Naturalmente que sim !"

Depois de ter posado para algumas fotos na piscina do Copacabana Palace. Cecile voltou ao salão de estar do Excelsior, onde continuamos nossa entrevista.

Para terminar, pedimos a Cecile Aubry que dissesse algumas palavras para seus "fans" brasileiros. E ela assim falou: "Para os meus amigos brasileiros, diga-lhes que eu sinto imensamente não poder permanecer nesta terra maravilhosa por mais tempo, pois, devido aos meus compromissos em Paris, devo embarcar amanhã (têrça-feira 24), em companhia de meus colegas, que por sua vez também têm sérios compromissos na França. Daqui do Brasil tenho recebido inúmeras cartas muito gentis. Procuro, na medida do possível, atender e satisfazer os meus "fans".

Quisemos perguntar-lhe algo mais, antes que subisse para o seu apartamento a fim de descançar, mas não adiantou. Ela estava muito cansada, precisava realmente dormir um pouco.

DOMINIQUE WILMES

Esta outra estrêla francesa é realmente muito bonita. Loura, alta (1,70cm). Nasceu em Mauligny, França, a 8 de junho de 1930. Possui lindos e grandes olhos verdes e uma plástica perfeita. Cursou a Academia de Pintura. Desde os 17 anos está trabalhando como artista. Viajou de 1950 a 1952, pelos Estados Unidos, com uma Companhia Teatral. Seu primeiro filme, um policial de classe, ainda está inédito no Brasil.

Dominique, o que você achou do Brasil e dos brasileiros ? — Perguntamos. Infelizmente, não conheço todo o Brasil, mas, calculando pelo Rio de Janeiro, êste é um belíssimo país.

Com relação à mulher brasileira, Dominique se expressou da seguinte maneira:

"As brasileiras são de fato muito bonitas, além disso têm muito gôsto para vestir-se. Gostei imensamente dos tecidos de fabricação brasileira; tanto isso é verdade que já comprei vários cortes para levar para a França."

(Cont. na pág. 34)

ter-me escolhido para o papel de Aline, no filme "A Favorita do Barba Azul" (Barbe Bleu), muito me envaidece".

Perguntamos: "E você gostou do papel, Cecile ?". Ela sorriu. e seus olhos imediatamente adquiriram um brilho estranho de contentamento.



Jean Pierre e Cecile apreciam a praia de Copacabana



Dominique Wilmes retoca a sua «maquillage»



As beldades francesas entre um fã



Shirley Booth e Burt Lancaster em «A Cruz de Minha Vida», da Paramount

E' a história de uma jovem comunista convicta, um modêlo de eficiência partidária, e de seus pais, burgueses, também convictos, céticos do novo regime, assustados com seus filhos e tentando preservar a suave amenidade dos tempos passados. As coisas complicam quando o chefe de polícia local, necessitando de uma mulher para uma missão diplomática, resolve experimentar a jovem comunista, colocando um agente como seu empregado. Este comete uma série de "crimes" de praxe — câmbio negro, admiração pela América, posse de dinheiro e belos objetos e... romance em alta escala. A jovem, embora continue a reportar os crimes ao chefe de polícia, gradualmente enfraquece e o agente, fartando-se de seu papel, com ela foge para a zona americana da Áustria, local onde o filme foi realmente rodado. "No Time for Flowers" tem um elenco inteiramente europeu, sendo os seus astros principais Viveca Lindfors e Paul Christian.

Estréias no MUNDO do CINEMA

"COME BACK, LITTLE SHEBA"

(A Cruz de Minha Vida)

O tema gira em tôrno de um casal, êle um alcoolatra que sonha com o passado feliz, em meio aos dias de miséria moral e econômica dos dias de hoje. Enquanto êle lamenta ter-se casado com sua atual espôsa, há vinte anos atrás, ela chora a morte de seu pequeno cachorro. No filme surgem simbòlicamente certas instituições retrógradas, bem como a famosa "Alchoolic Anonimous", cuja atividade já foi levada para a tela no filme "A Voragem do Vício". Shirley Booth e Burt Lancaster são os protagonistas.

Prognóstico — O trabalho de Shirley Booth nesse filme, sua primeira atuação, aliás, no cinema, lhe mereceu o "Oscar" de 1952. Será êste um excelente credencial para a realização de Daniel Mann, um diretor ainda meio desconhecido no cinema.

"NO TIME FOR FLOWERS"
R.K.O

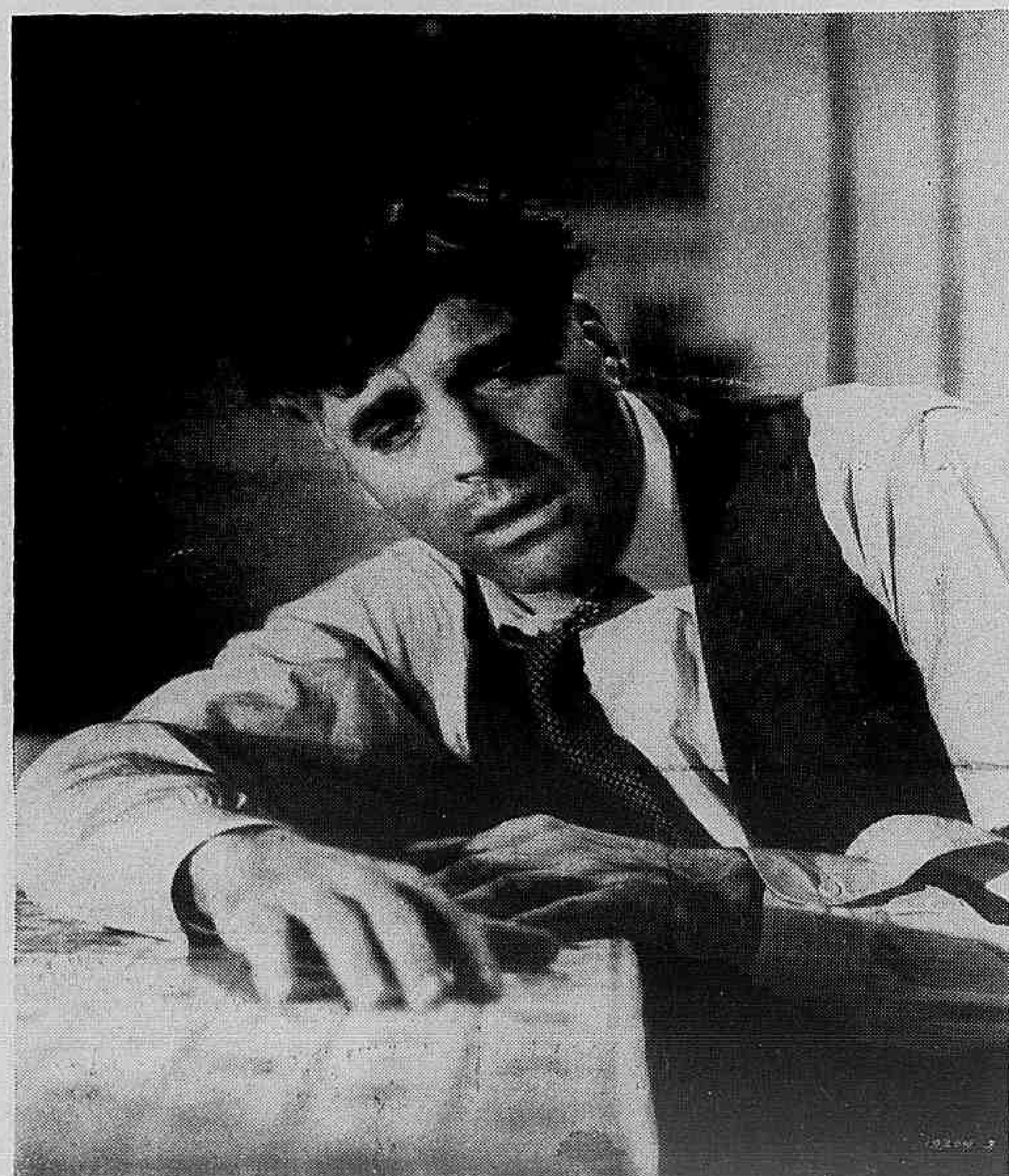
Comédia satírica sôbre a vida na Tchecoslováquia dos nossos dias, produzida por Mort Briskin e dirigida por Don Siegel

Prognóstico — Gênero um tanto repisado, não sòmente pelo cinema europeu como também pelo americano. Apesar de tudo, poderá ser um filme agradável, dependendo de um bom tratamento.

Outra cena do filme «A Cruz de Minha Vida»



Burt Lancaster, tal como aparece na película «Come back little Sheba»







PRESENÇA DE MARIA BONITA NO DRAMA DOS CANGACEIROS



COMO UM "CACTUS" AGRESTE EM MEIO À RUDE PAISAGEM SERTANEJA, ASSIM É VANJA ORICO NO FILME DE LIMA BARRETO

Quando Vanja Orico começou a trabalhar em "O Cangaceiro", o papel de Maria Clódia, revivescência da figura de Maria Bonita no grupo de Lampeão, era de importância secundária. Uma comparsa a mais na aventura sertaneja. Era um episódio e não um acontecimento, uma 'nuance" sem o revêvo passional de um drama.

Tôdas as atenções se voltavam para a figura daquela professorinha romântica, que Marisa Prado viria a encarnar: a professorinha de ares ingênuos, que se deixa levar por um dos integrantes do bando, acompanha-o por um sem número de aventuras e desventuras, e enfrenta tôda sorte de peripécias. Uma figura que surge acidentalmente na paisagem agreste do filme, tentando dar uma nota sentimental à tragédia do cangaço.

Mas depois que Lima Barreto, o realizador do filme, veio a conhecer Vanja Orico, a situação mudou de figura. Vanja, com sua tez morena, seus olhos grandes, sua máscara em crispação, seus lábios carnudos, parecia a figura ideal para interpretar o difícil papel de companheira do "Capitão Galdino", que é o Lampeão do filme. Confiaram-lhe a interpretação. Ela deixou por quatro meses o ambiente citadino, o palco do Municipal, a vida amável da cidade, para enfurnar-se no ambiente rústico do adusto interior paulista. Vestida num blusão de campanha, roupa de couro e chapéu em bico, passou semanas identificando-se à paisagem, para viver, com tôda a fôrça, o seu papel. E sem dúvida que o conseguiu plenamente. Têmo-la, no filme de Lima Barreto para a Vera Cruz, exuberante de vitalidade, como a princesa do cangaço.

Muito lhe deve ter custado, em esfôrço, o "travestri", pois na vida real Vanja é artista do "bel canto", veste pelos costureiros de Paris e gosta de praia e de "boite". Sua capacidade plástica de adaptação permitiu-lhe a transfiguração. Ela se revelou, mais uma vez, uma autêntica atriz, em plena posse de tôdas as suas virtualidades. "Roubou", por assim dizer, o papel principal.





O DIREITO DE NASCER

(El Derecho de Nacer)

Felix Caignet é incontestàvelmente um campeão da subliteratice, mas é igualmente incontestável que êle sabe tocar à alma popular com suas novelas de fundo correto e de estruturações irritantemente falsas. Querendo discorrer sôbre os malefícios do abôrto, o autor cubano construiu a mais simplória trama de que se tem notícia no mundo da ficção literária. Criou uns tipos incapazes de racionar por si próprios e eis porque, sempre que ouvimos qualquer coisa das bôcas do dr. Alberto Limonta, de Don Rafael do Juncal, de Mamãe Dolores e demais personagens, temos a impressão perfeita de que o sr. Caignet é que está vocabulando suas rebuscadas perorações.

Com uma criação ficticia assim, em que o autor está sempre se exibindo na pele de seus personagens, a realização cinematográfica dessa novela não poderia prometer grande coisa. Entretanto, para nossa surprêsa, o filme nos pareceu bastante comedido e um tanto depurado do pieguismo lacrimejante que caracterizou a sua representação radiofônica.

No plano interpretativo, Jorge Mistral e Gloria Marin reproduzem bem o Albertinho e a Isabel Cristina que a imaginação popular criou. Lupe Suarez, apesar de fazer bem o seu papel, está mal caracterizada e se nota claramente que quando ela abraça alguém tem sempre o cuidado de não deixar as marcas de sua "maquillage" de negra.

"O Direito de Nascer" conseguiu superar as espectativas sombrias que existiam em tôrno dêle. Por ter-se colocado dentro de um plano cinematográfico despretencioso, moderado e aceitável, o filme está muito além do que foi a radiofonização da novela que lhe serve de argumento.





TELAS DA



DON JUAN

O mal do cinema espanhol é que êle nos parece demasiado espanhol. Refratários à universalização de temas, os ibéricos nada realizam senão dentro da trilogia religião-folclore-história de sua Espanha, de "mi tierra" como êles dizem com hiperbólico nacionalismo.

As aventuras amorosas do legendário D. Juan, já tratadas em outras versões cinematográficas, são reproduzidas agora na própria terra do famoso galanteador aqui personificado por Antonio Villar.

Para surprêsa de todos, o filme não pertence à tradição do "filme de amor", como se esperava. Nêle não há mesmo nenhuma cena de arroubos românticos, de efervescentes idílios e o D. Juan que Villar encarna passaria por qualquer conquistador de médios ardis em qualquer parte do mundo. Daí não ter muito sentido a afirmação do protagonista de que "a mulher é meu ofício", quando, na verdade, o seu único ofício consiste em explorar a "balzaqueanice" de Annabella e, em menor escala, a beleza seráfica de Maria Rosa Salgado. Na versão de Zorrilla, D. Juan foi um rapaz deserdado, do qual todos nos compadecemos, e que busca nas aventuras amorosas, nem sempre licitas, uma compensação.

Filme bem realizado sob todos os pontos de vista técnicos, mas que não empolga com a glorificação do famoso galanteador que se tornou um símbolo da sedução masculina.





CIDADE

LÍVIO DANTAS

A CHUVA ME TORTURA

(Shadow in the Sky)

O titulo dêsse filme, em português, deve ser tomado mesmo ao pé da letra. Não é metáfora, não. E' em verdade a história de um rapaz que era acometido por violentas nevroses cada vez que desabava um temporal. Quase que sòmente à narração dêsses acessos se limita êsse filme de Fred Wilcox, havendo naturalmente algumas digressões, como a atração que o protagonista sentia pelo mar e seu romancezinho de amor com Stella (June Hagen).

Como vemos, o assunto é pobre e não poderia ser dilatado além do que realmente foi. A pretexto de contar êsse incidente sem maiores incursões que as de caráter psicológico, Fred Wilcox nos dá momentos de legitima arte, de cinema verdadeiro, apesar de ter lidado com um roteiro sem concatenação lógica, meio esfacelado e sem vigor.

Temos aqui uma boa equipe de intérpretes procurando um momento para mostrar suas qualidades, como Ralph Meeker, Nancy Davis, James Witmore e Jean Hagen. Infelizmente, êsse momento não chega, menos por culpa da direção que das indicações do "script".

Filme com boas sugestões de cinema, mas que infelizmente ficaram irrealizadas.



IVANHOÉ

Porque um crítico, em alguma parte do mundo, emitiu um parecer desfavorável sôbre êsse filme de Richard Thorpe, não quer isso dizer que sejamos compelidos a seguir a mesma trilha. Não existe objetividade absoluta nos critérios da análise crítica e, por mais imparcial que seja diante de uma obra de arte, o pensamento do crítico sempre reflete as côres de seu prisma interior. E' certo que "Ivanhoé" é um filme com todos os ingredientes necessários para fazer afluir, aos borbotões, rios de dinheiro à bôlsa de seus produtores. Mas, se isso que estamos vendo não é cinema legitimo, então deve-se concluir que essa arte não existe ou que está baseada sôbre principios são sibilinos que só mesmo um número eleito de exegetas poderá entendê-los. Se "Ivanhoé" não é cinema que coisa será então a arte cinematográfica ou que estranho mistério preside à sua interpretação em têrmos claros? Digamos, entretanto, que não se contesta no filme o seu lado puramente cinemático, mas o aproveitamento cinematográfico de uma página clássica da literatura universal. Ainda assim, o filme se redime de culpas, pois, diante da literatura o cinema é uma arte infinitamente mais limitada e não se pode exigir dêle que recomponha na tela com precisão as mesmas

(Cont. na pág. 30)



FEITICEIRO DO CÉU

(Le Sorcier du Ciel)

E' a história da vida exemplar de São João Batista Maria Vianney, mais conhecido como o Santo Cura d'Ars. A ação se situa no século passado, no final das guerras napoleônicas que produziram no espirito das gentes uma situação de derrocada moral e uma crise de consciência que iriam, não muito depois, acarretar conseqüências funestas para a vida de França. Nessas circunstâncias, um homem de acendrado espirito cristão é nomeado páruco de uma pequena cidade francesa, propondo-se a levantar o nivel moral de seus habitantes, contra a indiferença de uns e a oposição declarada de outros. Nessa tarefa de restauração de valores espirituais não são raros os momentos de desânimo, até que a tenacidade do humilde vigário consegue transpor todos os obstáculos, dando-lhe a palma da vitória.

Êste é o argumento dêsse filme que, como "Monsieur Vincent", traz uma valorosa contribuição para a antologia do cinema religioso. Sua fôrça expressiva nasce da interpretação magistral de George Rollin e da segurança com que Marcel Blistene penetrou na alma sacerdotal de Vianney. No dominio técnico, uma iluminação de muita plasticidade conseguiu excelentes efeitos, principalmente nas cenas desenroladas durante as pregações do santo.

Não sabemos explicar porque o filme demorou tanto a ser exibido entre nós, quando suas qualidades são de muito interêsse para todos os que amam o cinema, mesmo abstraindo-se do fundamento religioso.



Armando Miranda que vai dirigir a segunda produção «Uma vida para dois», com Liana Duval, Luigi Pichi e Orlando Villar

Notícias e Comentários do Cinema Nacional

Mr. TAKE

Este mês de março de 1953 parece ser o pior de todos no calendário internacional. Morrem Stalin, Prokofieff, Gotwald, Graciliano Ramos, Queen Mary e, para aumentar a dor, vem de morrer também, vitima do fogo, o Departamento de Cinematografia do S.I.A., do Ministério da Agricultura. Ficando, assim, o Museu de Cinema Nacional prejudicado no tocante "a vida rural brasileira". Por aquêle estabelecimento exemplar da escola de documentários, já passaram Laffayete Cunha, Paulo Brandão, Ramiro Botelho, João Stamatto, Pedro Lima e Abrão Shatovski. Todos haviam deixado a sua contribuição para o engrandecimento do filme de curta metragem entre nós. E' uma pena, pois, independente dos prejuizos em filmes, foram também as maquinárias cinematográficas o que de melhor havia na América do Sul.

★

Acaba de ser fundada a Associação do Cinema Brasileiro, agremiação que abrigará todos os trabalhadores da nossa indústria cinematográfica. Desde os produtores até o mais modesto operário dos estúdios. Nossas felicitações, e que sigam sempre vitoriosos.

★

Em São Paulo, acabam de ser interditados mais três cinemas. São êles: "Aliança", "Roxi" e "Fátima". Motivo: não apresentam a segurança necessária, bem como não oferecem o menor confôrto aos espectadores. Muito bem, sr. prefeito de São Paulo. E quando assumir o comando o professor Jânio Quadros, o quadro do panorama dos cinemas, na paulicéia, irá melhorar muito mais. Contudo, aqui no Rio, aguardamos pacientemente que essas medidas sejam reproduzidas, e assim sendo, vamos aguardas a vez dos América, Rex, Olinda, etc.

★

Os estudantes paulistas estão decididos a fazer um boicote aos cinemas que aumentaram os preços dos ingressos. E' geral a indignação contra o aumento do preço e dizem mais: "Estaremos ao lado do povo. A chave resume-se numa parede humana nas portas dos cinemas".

★

O ator brasileiro Jackson de Souza acaba de embarcar para a Europa, onde passará alguns meses. Boa viagem.

★

Parece que vai terminar definitivamente êsse engócio de anúncios nos cinemas cariocas. Assim se pronunciou o vereador Edgar de Carvalho.

★

O "Diário de Notícias", do Rio, publicou, em seu número de 22 de março, um artigo de Bernardo Gersen, intitulado "Filmes de Arte", que deve ser lido por todos os cineclubistas do país.

(Cont. na pág. 34)

ATRÁS DAS CAMERAS

J U S T U S

Estêve atracado, no armazém nº 1, o transatlântico inglês Carona» e nêle veio o famoso Fitzpatrick, a figura mais popular da M.G.M., depois, é claro, do Leão, do Tom e do Jerry. E sabem vocês da maior? Êle, passeando pelas ruas da cidade, foi até o «Cinesíforo» da Cinelândia. E, um bate papo travado, saiu-se com esta: Vocês não se iludam; o momento atual é para que nós, na América, e vocês aqui, no Brasil, cuidemos e demos o máximo de atenção ao «Cinerama». I. Rozemberg ficou com água na bôca e disse: «mas com que roupa eu vou pensar nisso?». E o côro do «Cinesíforo» entoou o trecho de uma canção popular: «Quem inventou o Cinemara não fui eu, não foi ninguém daqui».

★

Tudo parece indicar que a famigerada A.B.C.C. mudou-se definitivamente para Belo Horizonte. A coisa por lá parece ser a melhor possível. Tem apoio do governador, são oferecidas «ceias» originais e festivas, e além do mais, no dizer de Jonald, 10 mil pessoas foram ver de perto as maravilhas que se chamam «Marly Sorel, Diná Mezzomo e Josete Bertal». Que alívio e satisfação para Moniz Viana, Pedro Lima, Vinicius de Morais, que assim poderão fundar tranqüilamente a «Associação Carioca de Críticos e Comentaristas de Cinema». Amém.

★

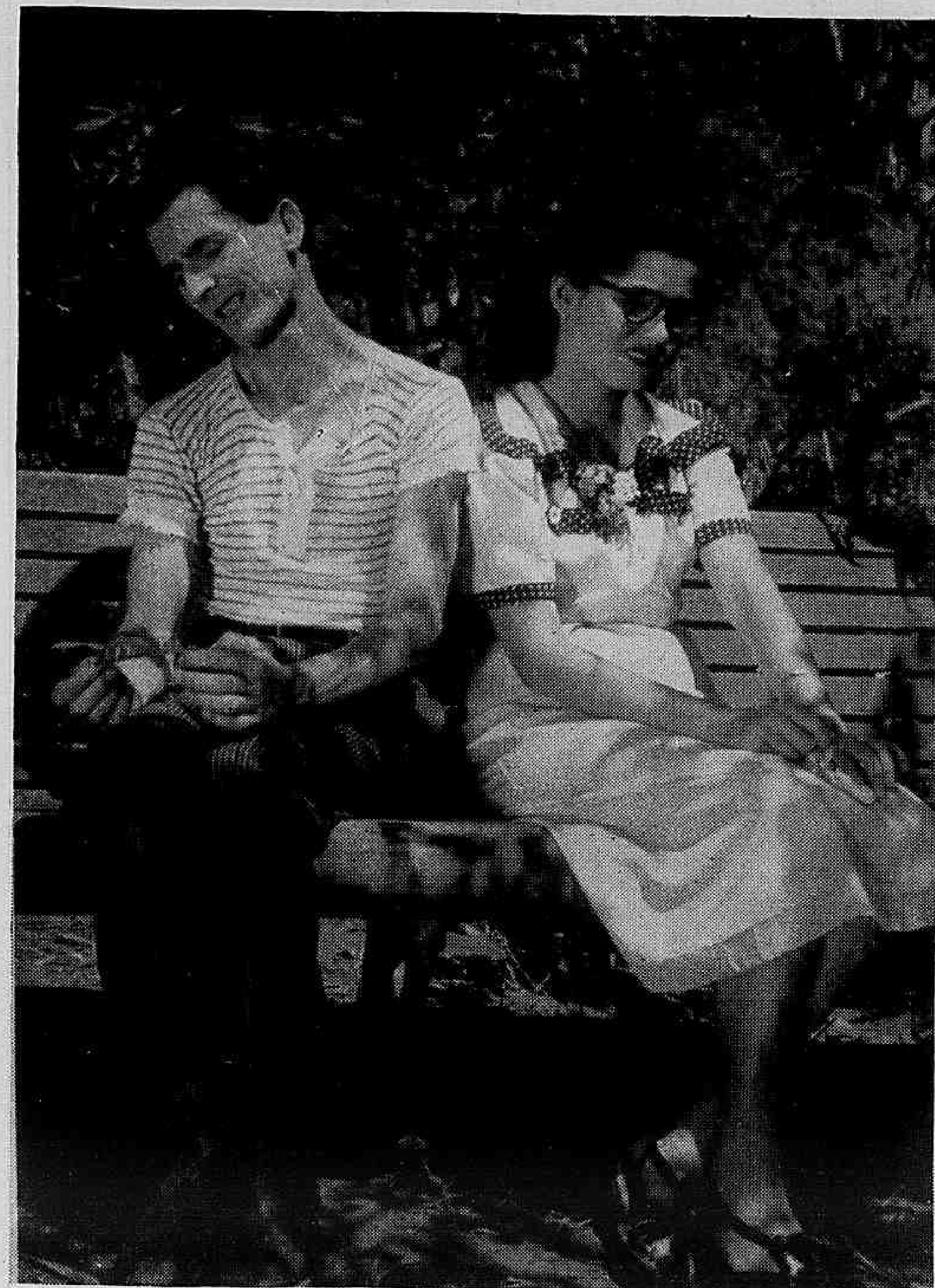
Os «Cinesíforos» estão acompanhando de perto as «caçambas» (caixas coletoras dos ingressos de cinema). Do filme «O Direito de Nascer», e com os resultados obtidos, pretendem êles fazer um filme cujo título será «O Direito de Viver».

★

Gino Palmesani, ex-assistente de Luís de Barros, pretende rodar ainda êste ano mais um filme.

★

«CHARIVARI» NA MULTIFILMES — Verificaram-se, recentemente, ocorrências nos Estúdios da Multifilmes, tendo como principal «pivot» da história o gordo Civelli. Dois repórteres da revista «Carioca» foram convidados a fazer uma visita aos estúdios e, lá pelas tantas, ambos resolveram fotografar a bela Liana Duval, em trajes idênticos ao seu aparecimento no mundo. Aí então o gordo, enciumado, e num gesto de «tarado», expulsou os jornalistas e, mais ainda, demitiu também o chefe da publicidade da referida emprêsa, por ter ido de encontro aos desejos dos repórteres. E', «o destino está em apuros». Pois a diretoria vai reunir-se para tomar providências.



Uma cena cômica de «Perdidos de Amor», da Cinelândia Filmes, com Spina e Terezinha Amayo



O DIRETOR FALA DE

DUAS CRIANÇAS NO FILME RUSSO "ERA UMA VEZ UMA MENINA"

Por VICTOR EISIMONT

VICTOR Eisimont dirigiu "ERA UMA VEZ UMA MENINA", durante o cêrco de Leningrado. As cenas são reais, pois artistas, fotógrafos, e diretores trabalharam sob o tremendo bombardeio e a tensão nervosa da morte que os rondava. Êle mesmo escreve:

Durante o sítio de Leningrado, quando eu tinha desistido de dirigir filmes para conduzir a construção de fortificações em redor da cidade, fiquei abismado pela coragem dos velhos e das crianças de minha terra natal. Jovens enfrentavam os horrores do sítio com tanta coragem, enquanto que seus pais ainda permaneciam encantadores e amáveis como sempre.

Decidi, então, que gostaria de fazer um filme sôbre essas crianças. Depois de completar os arranjos preliminares para a produção dêste filme, fiz o "cast" da produção chegar a Leningrado, a fim de localizar o trabalho. A filmagem foi começada dois dias antes do bloqueio ter sido, finalmente, quebrado.

Não havia dificuldade sôbre os fundos para cenas exteriores, pois os cenários eram providenciados por bombas germânicas; os edifícios, ruas e os abrigos anti-aéreos, tudo alí estava para ser utilizados. O povo de Leningrado sentia-se feliz de servir de "extras" nas cenas de multidão, com roupas, sapatos e costumes que usavam durante o cêrco; êles ajudaram muito na correção de todos os pormenores que me tivessem escapado à observação.

Minha mais séria dificuldade era como dirigir as pequeninas estrêlas do filme, com apenas nove anos de idade, NINA IVANOVA, e outra de cinco anos, NATASHA ZASHIPINA. "ERA UMA VEZ UMA MENINA" marcava suas estréias em filmes, e no princípio elas imaginavam ter sido uma grande graça.

Quando elas chegaram a Leningrado com o resto do "cast", sem demora empreenderam o duro trabalho de mostrarem estar verdadeiramente preocupados com o seu ofício e foram tão consenciosas quanto os outros membros do "cast". Tentei tornar minhas instruções muito simples e bastante claras, explicando exatamente o que elas deviam sentir durante o desempenho, e elas respondem com compreensão muito comum.

Primeiramente, foram tímidas, pois todos os ensaios eram conduzidos no set, várias vêzes com multidões curiosas esperando, mas elas logo se habituaram a isso e continuaram com as cenas, inteiramente alheias dos curiosos.

Ambas as pequenas meninas são extremamente inteligentes e nasceram mesmo atrizes, mas, ocasionalmente, fomos bruscamente lembrados que deveríamos considerar, em primeiro lugar, que ainda são apenas crianças subindo para o verdadeiro estrelato".



Cine-romance

"NÃO DESONREI TEU SANGUE"

(MY SON JOHN)

Cenários de Connelly e Leo Mc Carey

Adaptação de John Lee Mahin

História de Leo Mc Carey — Um filme da Paramount

E L E N C O:

Lucille	**Helen Hayes**
Dan Jefferson	**Dean Jagger**
Ben	**James Young**
Chuck	**Richard Jaeckel**
John	**Robert Walker**
Ruth Carlin	**Irene Winston**
Stedman	**Van Heflin**

Lucille e Dan Jefferson vivem orgulhosos de seus filhos Ben e Chuck, o que não impede que sintam grande tristeza, quando vêem os filhos partirem para a Coréia. Naturalmente, êles ainda têm seu filho mais jovem, John, mas êle está fora, em Washington, trabalhando como funcionário do govêrno. Êle não foi para casa, para despedir-se de seus irmãos, um fato que entristeceu Dan. Êsse estado de coisas tinha sempre aborrecido Lucille, que sentia que seu marido e o filho não se davam bem. Dan percebia que John estava começando a querer ser superior à sua família. Quando êste volta, para passar algumas semanas em casa, mostra-se grosseiro, cínico e afastado de seus pais. Dan, que era violentamente anti-comunista, ao emitir sua opinião sôbre os "vermelhos", ressente-se quando John ridiculariza suas atividades na Legião Americana, e se oferece para salvar Dan, com um discurso que êle havia feito para um comício, omitindo partes que Dan considerava importantes.

Perturbada porque John e seu pai não podiam viver juntos, Lucille tenta convencer-se de que John é bom, mas diversos fatos desagradáveis, que aconteceram, fazem com que ela tenha vontade de saber acêrca de amigos dêle em Washington. Um dia em que John passou todo fora de casa, um rapaz cujo carro Dan havia abalroado, havia alguns dias, apresenta-se na casa de Jefferson com uma conta. Lucille agrada-se do rapaz, oferecendo-lhe uma xícara de café, ao mesmo tempo que falava sôbre seus três filhos, particularmente acêrca de John, em quem êle se mostra muito interessado. O rapaz rasga a conta e Lucille pressente que êle foi ùnicamente para falar com ela. Mais tarde fala com John, mas êle não se mostra aborrecido. John recebe misterioso chamado telefônico de uma jovem em Washington e parte imediatamente para Nova York, sem se despedir de sua mãe. Porém, antes de ir-se, tem com Dan mais uma altercação, que termina quando recebe um murro do pai.

Um grande caso de espionagem vem à tona, em Washington, envolvendo uma moça chamada Ruth Carlin. Logo depois disto, o rapaz que havia visitado Lucille volta à casa de Jefferson novamente. Êle apresenta-se a Lucille como sendo Stedman, agente da F.B.I. Instintivamente, ela percebe que John está envolvido no caso da comunista Carlin, mas seu amor de mãe rejeita o pensamento e ela não quer responder às perguntas de Stedman. Mais tarde, quando John telefona urgentemente, pedindo que lhe envie um par de calças que havia deixado em casa, Lucille, achando uma estranha chave num de seus bolsos, faz uma viagem impulsiva e irrefletida para Washington. Ela tem o pressentimento de que o que John estava querendo, realmente, era a chave, pois ela suspeitava que aquela chave serviria para abrir o aparta-

(Cont. na pág. 34)







Rita Hayworth, em «Uma Viúva em Trinidad» da Columbia, com Glenn Ford

ESTADOS UNIDOS

Não podendo pagar os cinco encantadores vestidos que encomendou para sua ex-espôsa, a ex-rainha Narriman, o ex-rei Farouk pôs os mesmos à venda. Comprou-os a estrêla Vera Ralston que os usará em seu próximo filme...

★

Van Johnson, que foi emprestado à Columbia para fazer com Broderick Crawford o musical "Rough Company", desempenhará nesse filme o papel de um bailarino, já tendo emagrecido alguns quilos para uma boa "performance".

★

O produtor Tom Hammond escolheu a talentosa Nina Foch para personificar a falecida Eva Peron numa peça teatral que encenará e que será, provàvelmente filmada, tendo Nina também como protagonista.

★

Evelyn Keyes é agora a atriz mais internacionalizada do cinema. Depois de terminar "Crosstown" em Hollywood, voltará à França para filmar "Italian Summer".

★

Por apenas 150 dólares Marlon Brando aceitou um pequeno papel na Televisão. O produtor do "show" da TV, não sabendo de quem se tratava, ofereceu o papel àquele rapaz que se apresentava tão mal vestido e que parecia estar procurando emprêgo. Acontece, porém, que Marlon ganha 100.000 dólares por filme e só mesmo por espirito de aventura é que irá enfrentar as cameras do video.

★

Leslie Caron e Mel Ferrer são os protagonistas de "Elegance", uma pelicula tôda passada em 1920. Os modelos de Leslie Caron são todos moldados no discutido figurino da época.

INGLATERRA

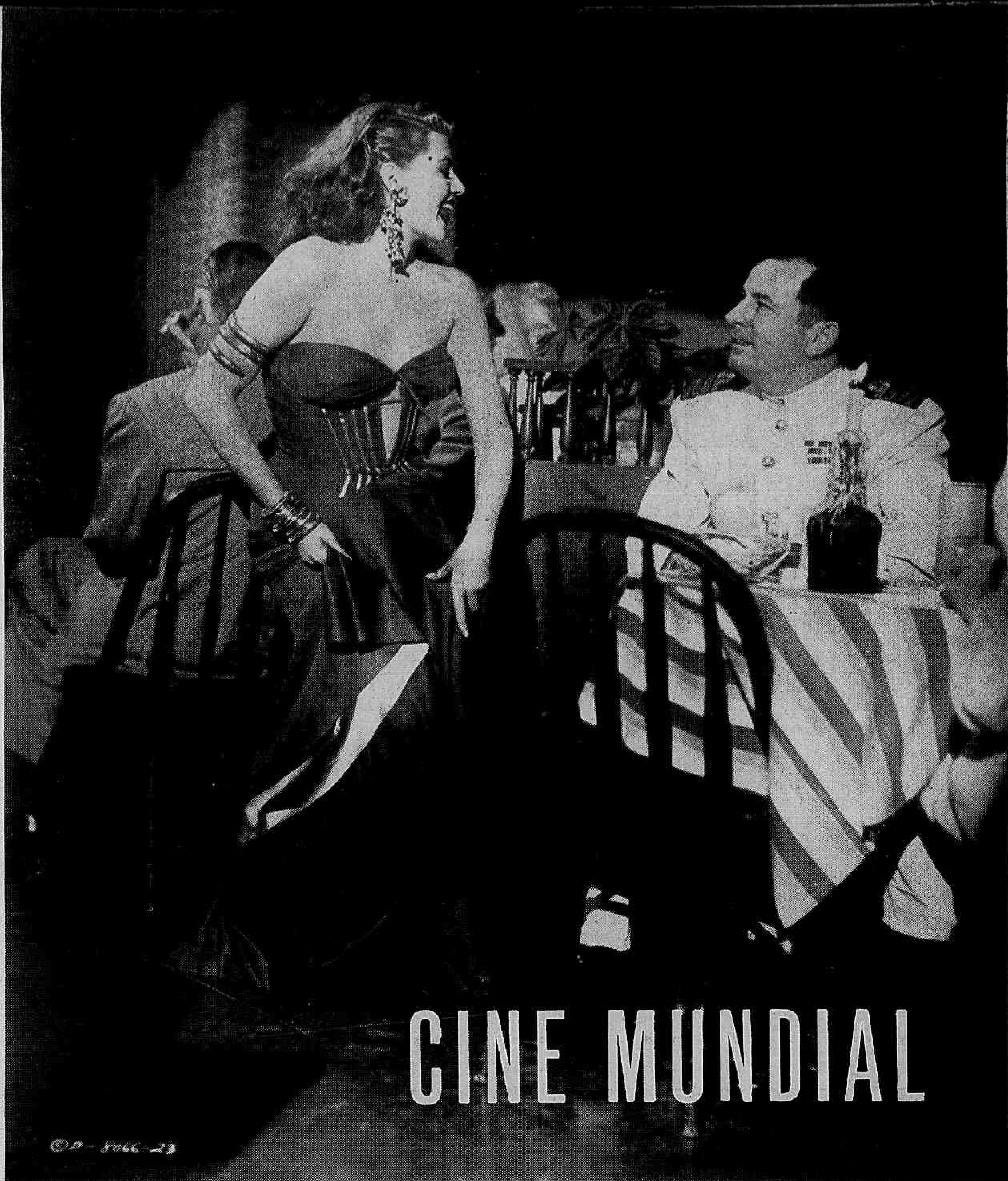
Já se encontra em Londres a atriz Vivien Leigh que interrompeu por tempo indeterminado a filmagem de "Elephant Walk" que estava fazendo em Hollywood. Atacada de uma súbita depressão nervosa a famosa estrêla terá que permanecer em repouso absoluto durante três meses.

★

"Elizabeth is Queen" será o titulo do documentário colorido que a Associated British-Pathe realizará durante a coroação de S.M. Britânica Elizabeth II.

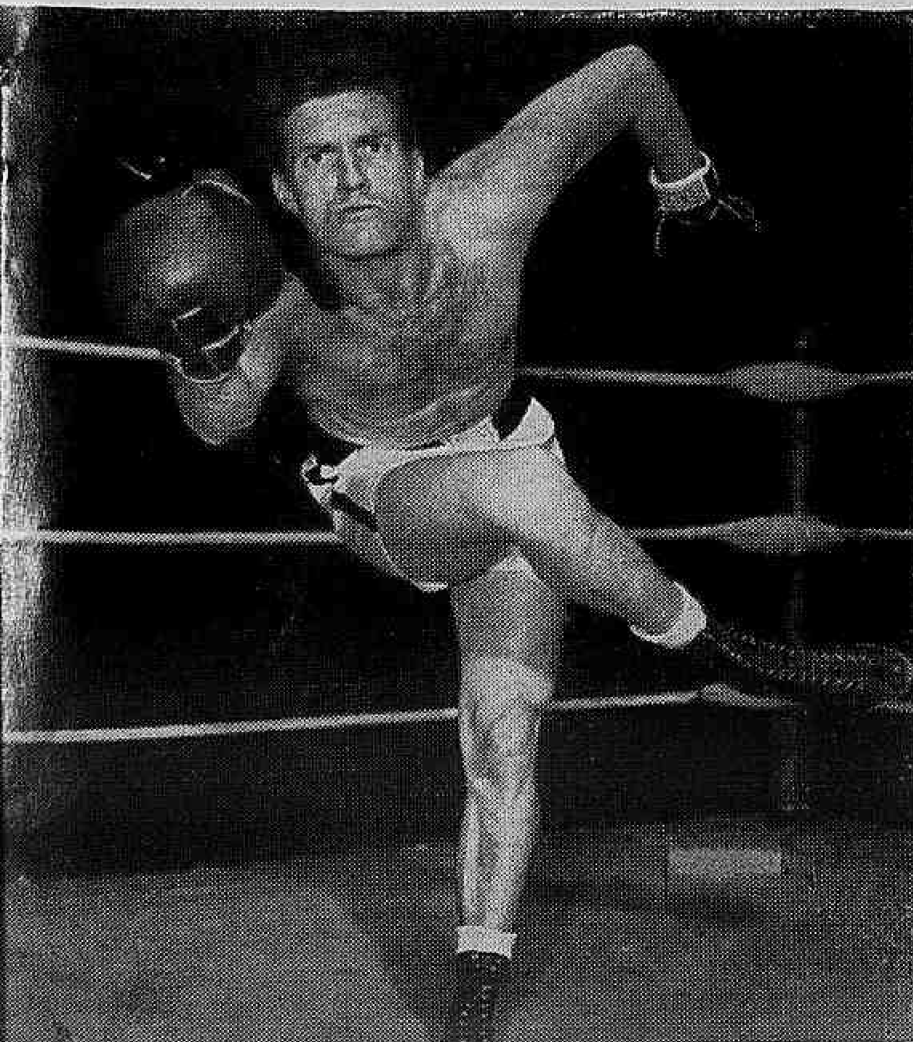
ALEMANHA

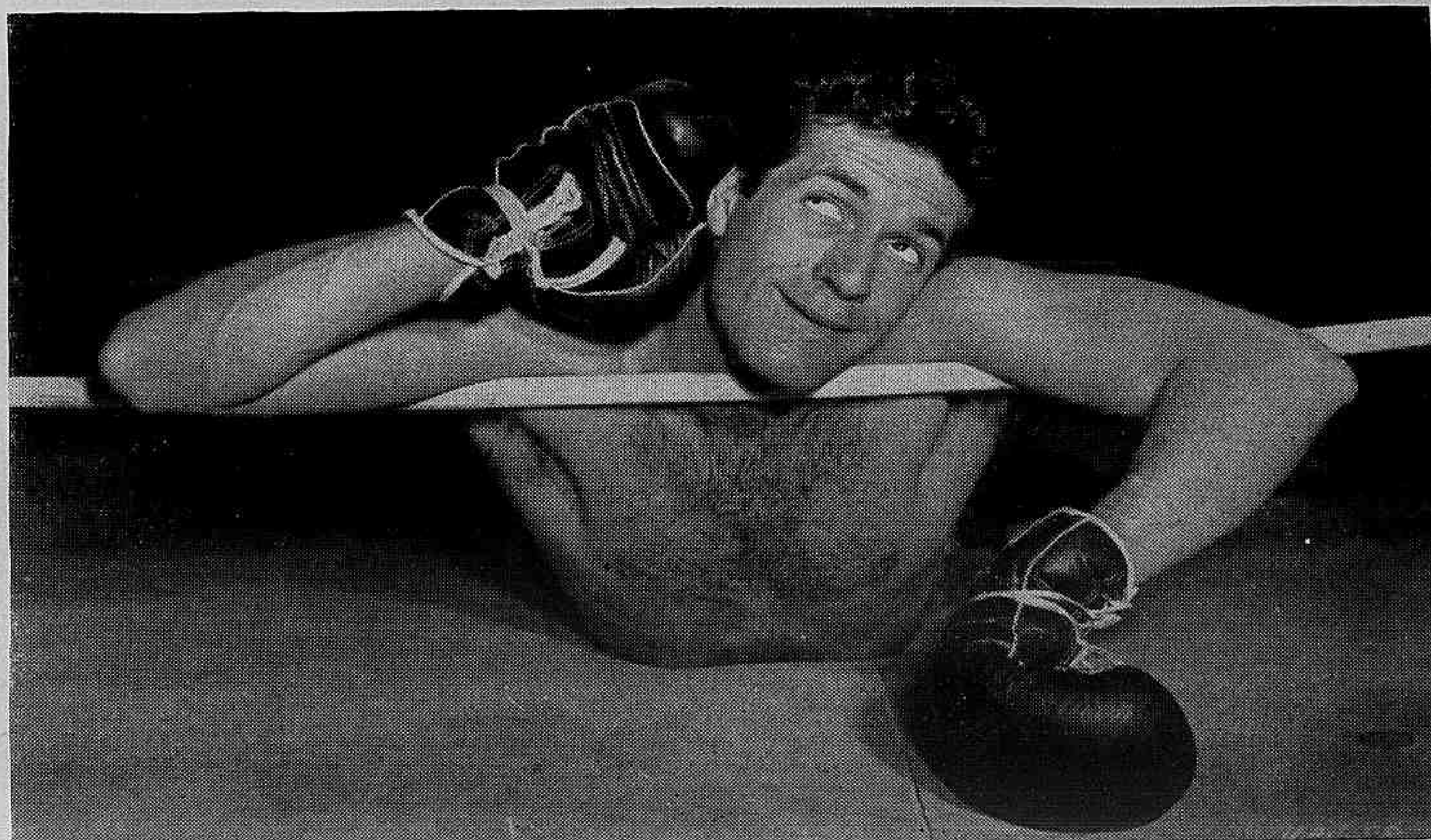
Zarah Leander, a brilhante atriz sueca que continua sendo a primeira dama do cinema germânico, retornará às telas em "Cuba Cubana", uma aventura romântica de uma cantora de cabaré com um repórter num pôrto petroleiro da América Latina.



CINE MUNDIAL

Hugh O'Brien luta consigo mesmo em «O céu está em tôda parte» da Universal, e vai a «k.o.»







Cine-romance

"É PRIMAVERA"

ARGUMENTO DE SUSI CECHI-DAMICO E CESARE ZAVATTINI; INTERPRETADO POR ELENA VARZI, ANTONELLA LUALDI, MARIO ANGELOTTI E OUTROS — DIREÇÃO DE RENATO CASTELLANNI

Beppe Agostini, um florentino cem por cento alegre e jovial, trabalhando com o coração perenemente enamorado em seus vinte anos na padaria do sr. Pancini, aprendeu a tratar com as mulhe-



res e tem sempre para com elas alguma pilhéria, uma nova emoção, um cumprimento ou uma canção, e por isso parece a tôdas muito simpático.

Chega finalmente o dia em que Beppe tem que cumprir o serviço militar e partir para Catânia. Ora, como é natural, muitas garôtas bonitas correm à estação para fazer as despedidas: Beppe vê então o quanto é querido... Algumas das pequenas estão tristes, mas não o malandro, embora de lágrimas nos olhos... A vida é agradável, êle é jovem e, que diabo! as mulheres... ora, mulheres existem em tôda parte!

Chegando à Cecília (em Catânia, para ser mais exato), nas horas de folga, Beppe cuida de fazer alguma coisa. Mas ali os noivados são difíceis e, às vêzes, ate perigosos. Beppe já começa a desanimar quando, sem se dar conta, seu companheiro Cavalluccio lhe proporciona aquela que será a aventura mais importante de sua vida.

Cavalluccio está amando uma jovem, Maria Antônia, estupenda e ardente beldade siciliana, que presta serviços na casa do advogado Di Salvo. Cavalluccio pretende desposá-la o mais ràpidamente possivel, razao pela qual roga ao amigo Beppe vir servir-lhe de testemunha, na prática legal que precede ao matrimônio oficial. Maria Antônia e Beppe se conhecem, então, e se enamoram loucamente. Por isso, depois de complicados eventos, várias confusões são formadas. Cavalluccio, ao invés de casar vai parar na prisão e é Beppe quem tem a felicidade de casar com a formosa siciliana.

Qual não foi o seu azar... Em plena lua de mel, chega de improviso a ordem de transferência de Beppe para Milão... O pobre coitado chega até a fingir-se enfêrmo, necessitando de cuidados, mas os médicos não caem no lôgro e Beppe acaba, também, indo parar no calabouço. Na época de festas, no Natal, é anistiado e improsadamente se encontra só, sem amigos e sem dinheiro, perambulando pelas ruas de Milão.

Nessa altura fica escrevendo desoladas cartas à sua amadíssima Maria Antônia. A gente que passa por Beppe, nas ruas de Milão, é indiferente à sua tristeza, e todos estão alegres. Beppe pensa sòmente em Maria Antônia e em enviar-lhe alguma coisa. Observa várias vitrinas, cheias de novidades, mas cada objeto custa os olhos da cara e mais alguma coisa.

Diante de uma pequena vitrine, decide comprar uma brilhante e complicadíssima "tarjeta postal" para enviar à espôsa. Acode a servi-lo Lúcia, uma ruivinha risonha que logo se apercebe de sua



tristeza. Com a cumplicidade de uma torta que se queimou e cujo odor desperta em Beppe todos os instintos de esperto padeiro, o soldado é convidado para a ceia de Ano Bom.

Assim começa uma nova vida amorosa para Beppe, que acaba cometendo o irremediável... Êle não esqueceu pròpriamente Maria Antônia... O diabo é aquêle seu gênio maravilhoso, a sua imensa capacidade romântica, que o colocam em dramática situação... Casa-se novamente com Lúcia e aceita um emprêgo de viajante para dividir igualmente o tempo entre suas duas mulherzinhas. .

Justamente por isso, por sua fabulosa capacidade de amar, Beppe vai parar no banco dos réus. No Tribunal tem de aguentar as acusações de suas duas espôsas, de uma sogra e de seu companheiro Cavalluccio, que vem de Catânia com o advogado Di Salvo. Beppe se defende emocionadamente! Tudo está certo! Eu não enganei nem logrei ninguém! Tal é a paradóxica e curiosa defesa sôbre a qual insiste o bigamo. Falará a verdade? Qual das duas mulheres é a verdadeira? A estas duas interrogações o filme responde com briosa e insuspeitada surprêsa.



Betty Huton numa cena do filme «O maior espetáculo da terra» premiado como o melhor filme de 52



A distribuição de prêmios pela Academia de Artes Cinematográficas de Hollywood constitui o maior acontecimento que se verifica, anualmente, no mundo do cinema. Sua repercussão nos meios cinematográficos é muito mais vasta que a dos famosos festivais europeus, e as notícias da premiação são sempre recebidas com invulgar interêsse pelas imensas legiões dos fãs.

Por ser um julgamento decidido por um júri, os resultados finais raramente chegam a contentar a gregos e troianos. Êste ano, porém, excetuando-se ùnicamente a classificação para o melhor filme, o veredictum da Academia quase não passou de uma homologação do que os críticos afirmaram e a opinião pública corroborou, especialmente no caso dos filmes "Matar ou Morrer" (High Noon) e "A Cruz de Minha Vida" (Come Back, Little Sheba). A surprêsa do julgamento residiu, entretanto, no "Oscar" conferido a "O Maior Espetáculo da Terra" (The Greatest Show on Earth), classificado como o melhor filme de 1952, sabendo-se que não é mais que uma obra grandiosa de Cecil B. de Mille, com todos os característicos peculiares à sua direção. Assim, o "O Maior Espetáculo da Terra" conseguiu passar à frente de "Matar ou Morrer" e "Moulin Rouge", os verdadeiros merecedores dos prêmios.

Apesar de não têrmos visto ainda "O Maior Espetáculo da Terra", fazemos côro, todavia, com os que desaprovaram sua classificação, mesmo porque vimos "Matar ou Morrer" e dificilmente um filme de Fred Zinneman poderá ser superado por um "colossal" qualquer de De Mille, ainda que êsses dois diretores lidem com temas diferentes e que sejam norteados por diferentes concepções artisticas. Na base de tudo, restará sempre alguma coisa de comum entre ambos. E é precisamente nessa "coisa comum" que Fred Zinneman ainda se avantaja sôbre o velho De Mille.

Damos abaixo a lista geral de todos os prêmios conferidos.

Melhor filme — "O Maior Espetáculo da Terra".

Melhor artista masculino: Gary Cooper, por sua atuação em "High Noon"

Melhor artista feminina: Shirley Booth, por sua atuação em "Come Back Little Sheba".

Melhor artista secundário: Anthony Quinn, por seu trabalho em "Viva Zapata".

Melhor artista secundária: Gloria Graham, por sua atuação em "The Band and the Beautiful".

Melhor direção: "O Maior Espetáculo da Terra", de Frederick Frank, Theodore Saint John e Frank Cavé.

Melhor script: — (Diálogos) — "The Bad and the Beautiful", de Charles Schnee.

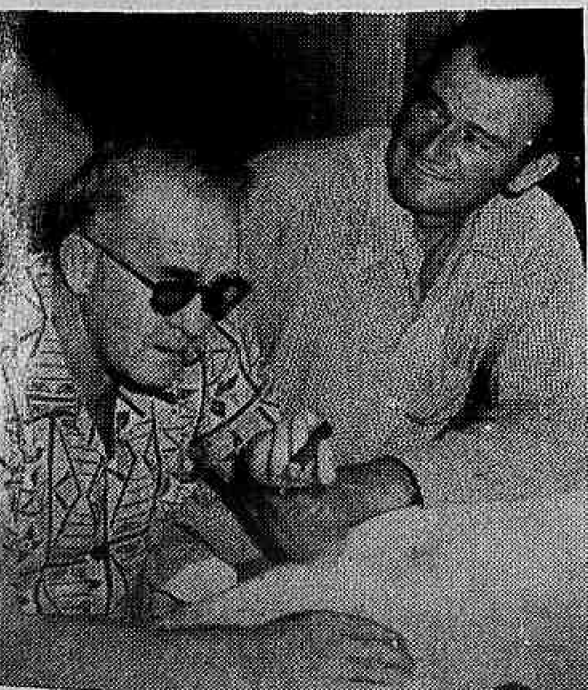
(Cont. na pág. 34)



OS PREMIADOS de 1952 PELA "ACADEMIA CINEMATOGRÁFICA de HOLLYWOOD"



Gary Cooper considerado o melhor ator do ano pelo seu desempenho em «Matar ou Morrer», da United

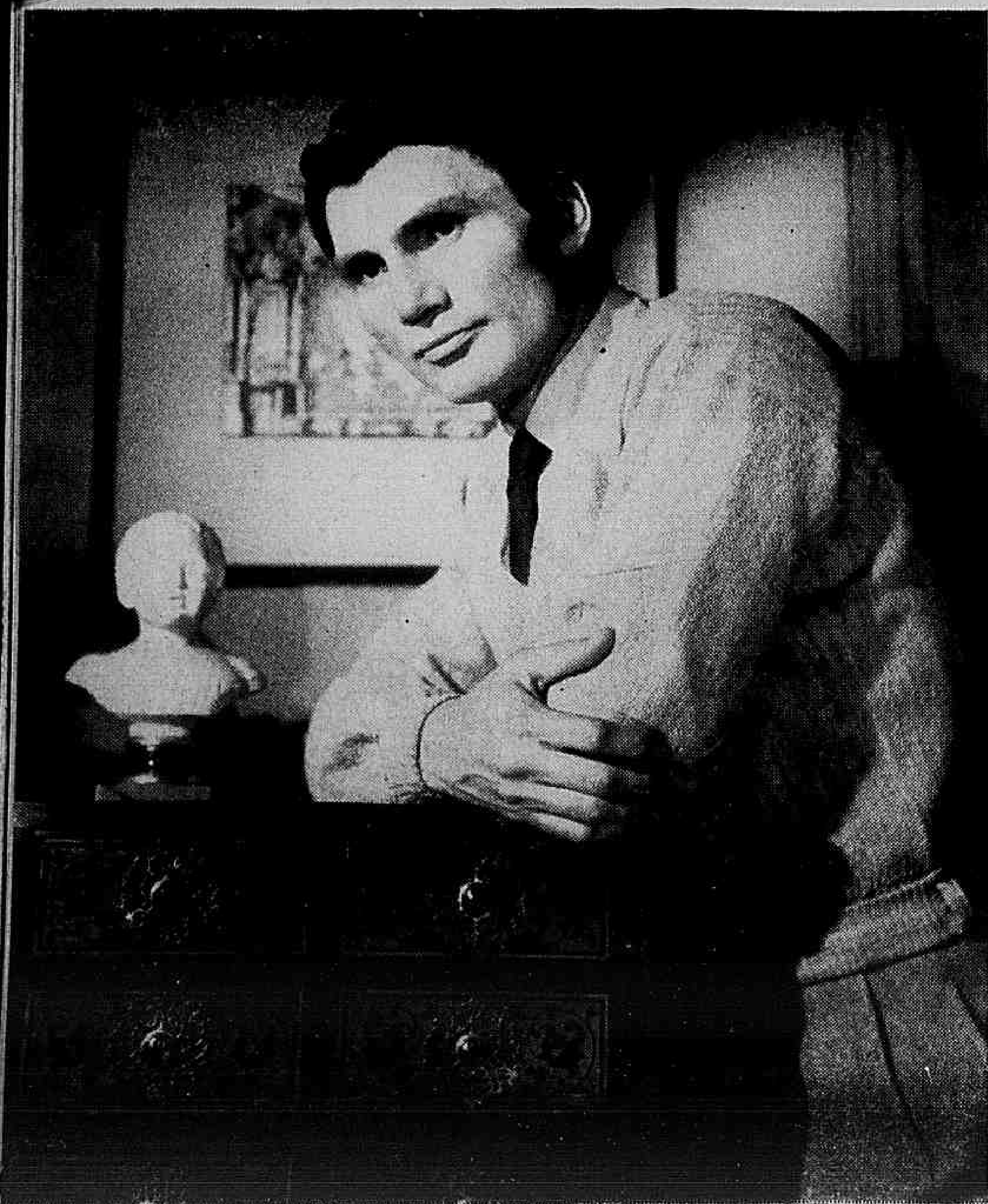


John Ford foi o diretor premiado pelo seu trabalho em «Depois do Vendaval» (The Quiet Man), onde dirigiu John Wayne



Shirley Booth foi a premiada como a melhor atriz pela sua atuação em «A cruz de minha vida» («Come back little Sheba»), da Paramount, ao lado de Burt Lancaster





CINE-ROMANCE

PRECIPÍCIOS D'ALMA

(SUDDEN FEAR)

Produzido por JOSEPH KAUFMAN ★ Dirigido por DAVID MILLER

ENTRECHO DE LEONORE COFFEE E ROBERT SMITH, BASEADO NA NOVELA "SUDDEN FEAR" DE EDNA SHERRY

Canções: "Afraid" por Elmer Bernstein e Jack Brooks e "Sudden Fear" por Irving Taylor e Arthur Althan. Fotografia de CHARLES B. LANG. JR. — Som de T. A. CARMAN e HOWARD WILSON. Música composta e dirigida por ELMER BERNSTEIN — Distribuído pela RKO

ELENCO

Myra Hudson	**JOAN CRAWFORD**
Lester Blaine	**Jack Palance**
Irene Neves	**Gloria Grahame**
Steve Kearney	**Bruce Bennett**
Ann Taylor	**Virginia Huston**
Kearney (Filho)	**Touch Connors**







Myra Hudson (Joan Crawford), rica herdeira e famosa teatróloga, assistindo o ensaio de "Halfway to Heaven", sua melhor peça, segundo os entendidos, com estréia marcada na Broadway, recusa aceitar Lester Blaine (Jack Palance), o ator escolhido para o personagem principal. Sob o pretexto de que êle não é bastante romântico para o tipo idealizado, manda despedi-lo. Seu empresário protesta, faz elogios a Lester, diz considerá-lo um excelente ator e ótimo para o papel, mas em vão. Myra mantém sua decisão, alegando ser a financiadora e possuir o privilégio de escolher o elenco. Lester é substituído. Um mês depois a peça é lançada com magnífico êxito.

Aberta a temporada, atendendo um chamado de Steve Kearney (Bruce Bennett), seu advogado e fiel admirador, Myra embarca para San Francisco a fim de cumprir compromissos com um grêmio teatral. Durante a viagem de trem, Myra encontra-se com Lester. Êste alega coincidência, mas a verdade é que há muito vinha seguindo-a, tentando uma aproximação com ela, e esta chegara, afinal.

Lester entra em ação. Justifica-se dizendo não existir ressentimento algum proveniente de sua retirada da peça e, fingindo compreensão, evita diplomàticamente as explicações que Myra lhe quer dar. Êste é o primeiro passo na conquista de sua amizade, que êle luta para conseguir a todo custo.

Já bons amigos, tentam a sorte nas cartas, no jôgo de fósforos, fazem coincidências. Em Chicago desfrutam de animados divertimentos.

Em San Francisco a amizade continua; jantam juntos, vão a passeios, "boites", enfim Lester conquista definitivamente o coração de Myra, envolvendo-a numa forte teia de sedução. O resultado é que ela deixa-se cair perdidamente de amor e aceita a proposta de casamento que êle lhe faz.

As bodas são realizadas, indo o casal residir na bela mansão de Myra. Os dias transcorrem tranquilos. Myra, sempre encantada com Lester, que parecia dedicar-se exclusivamente ao seu amor, considerava-se uma mulher feliz, pois tinha alguém com quem partilhar dos seus triunfos e de sua fortuna.

Porém, pouco tempo durou esta aparente pausa de tranquilidade conjugal. Vem, afinal, o rude golpe que a põe de novo em contato com a realidade. O romance toma uma direção inesperada, quando Myra descobre que seu marido não a ama, pois possui outra mulher, Irene Neves (Gloria Grahame), sua verdadeira apaixonada. Certa noite, no apartamento de Gloria, Myra surpreende ambos, precisamente quando combinavam matá-la a fim de se apoderarem de sua fortuna. A partir dêsse momento, Myra passa a viver dias de pavor, enquanto um mêdo súbito faz todo o seu corpo vibrar de angústia e terror, com a constante ameaça de ser morta. Completamente alucinada, fingindo ignorar a sorte que lhe estava reservada, decide, então, vingar-se do marido, tentando assassiná-lo, bem como a sua amante. Mas, no momento preciso, o seu sangue frio falha e ela se convence de que não pode executar o crime. No curso dos acontecimentos que se sucedem, a situação chega a tal ponto que o plano de Lester entra em execução. Myra quase é morta num "acidente" de automóvel. Mas, por confusão do próprio Lester, em lugar dela, quem morre é Gloria. E as conseqüências não se fizeram esperar... O destino, cruel e implacável, encarregara-se de castigar Lester. Livre do mêdo e do terror, que durante algum tempo viveram em sua alma e em sua mente, Myra empreende uma nova vida, levando no coração o segrêdo daquele amor infeliz...









Durante tôda a filmagem de «A Viúva
O «Casanova argentino» enfeitiçara
terminou u

O "SEX de UM C ARGE

FERNANDO LAMAS TOMA
PONDO-SE COM AS MESM
ZARAM VALENTINO — SE
LANA TURNER E ARLENE
PARA MANGA" — QUASE PA
E' UM DOS PRIMEIROS A F
DI

Reportagem de DULCE DAMASC
(Corresponde



Fernando Lamas tratou bem de Elizabeth Taylor, alimentando-a constantemente no «set» de «The Girl Who Had Everything», pois a linda garôta da Metro realizou o filme enquanto esperava o seu primeiro bebê do casamento com Michael Wilding

QUANDO Tony Dexter filmou a vida de Valentino, todos concordaram em que êle poderia fàcilmente *interpretar* aquele papel, mas nunca *ser* fora da tela um substituto para o maior amoroso do cinema. O motivo ? Tony é americano, de descendência alemã e falta-lhe o temperamento latino essencial a um verdadeiro galã romântico Analizado detalhadamente, Valentino não era dos mais belos especimens masculinos, mas — disse-me o diretor Raoul Walsh

← Fernando Lamas recebe polimento das unhas da sua nova amada Arlene Dahl, enquanto descansa em seu camarim na Paramount

— êle possuía um calor interno, uma firmeza de olha que subjugava as mulheres logo à primeira vista. Essa qualidade que se emanava da sua pessoa é algo inato, impossível de ser adquirido através dos tempos. De todos os modernos galã que têm surgido em Hollywood apenas um vem mantendo acêsa a chama valentinesca dentro-e-fora da tela: Fernand Lamas, aqui cognominado o expoente máximo do "Latin lover". Se duvidam, vejam como atriz francêsa Denise Darcel descreve: "Fernando tem o coração de Casanova, os olhos d Don Juan e o perfil de Joh Barrymore — tudo isso emoldurado pelo seu próprio *sex-appeal...*"

. . . .

A vida de Fernando Lamas realmente fascinante — chei de aventuras — entrecortada d emoções e romantismo. E' argentino e conta 37 anos de idade. Estudou Direito, mas desis-



...va Alegre», Lana só tinha olhos para Fernando. ...ra a rainha do «glamour»! Mas o romance ...um ano depois...

...X-APPEL" ...CASANOVA ...NTINO

...A DE ASSALTO HOLLYWOOD, IM-...AS QUALIDADES QUE CELEBRI-...EUS ROMANCES AMOROSOS COM ...DAHL FORNECEM MUITO "PANO ...ASSOU FOME NO BRASIL! — HOJE ...FAZER UM FILME EM TERCEIRA-...MENSÃO

...CENO DE BRITO
...ente da "A CENA" em HOLLYWOOD)



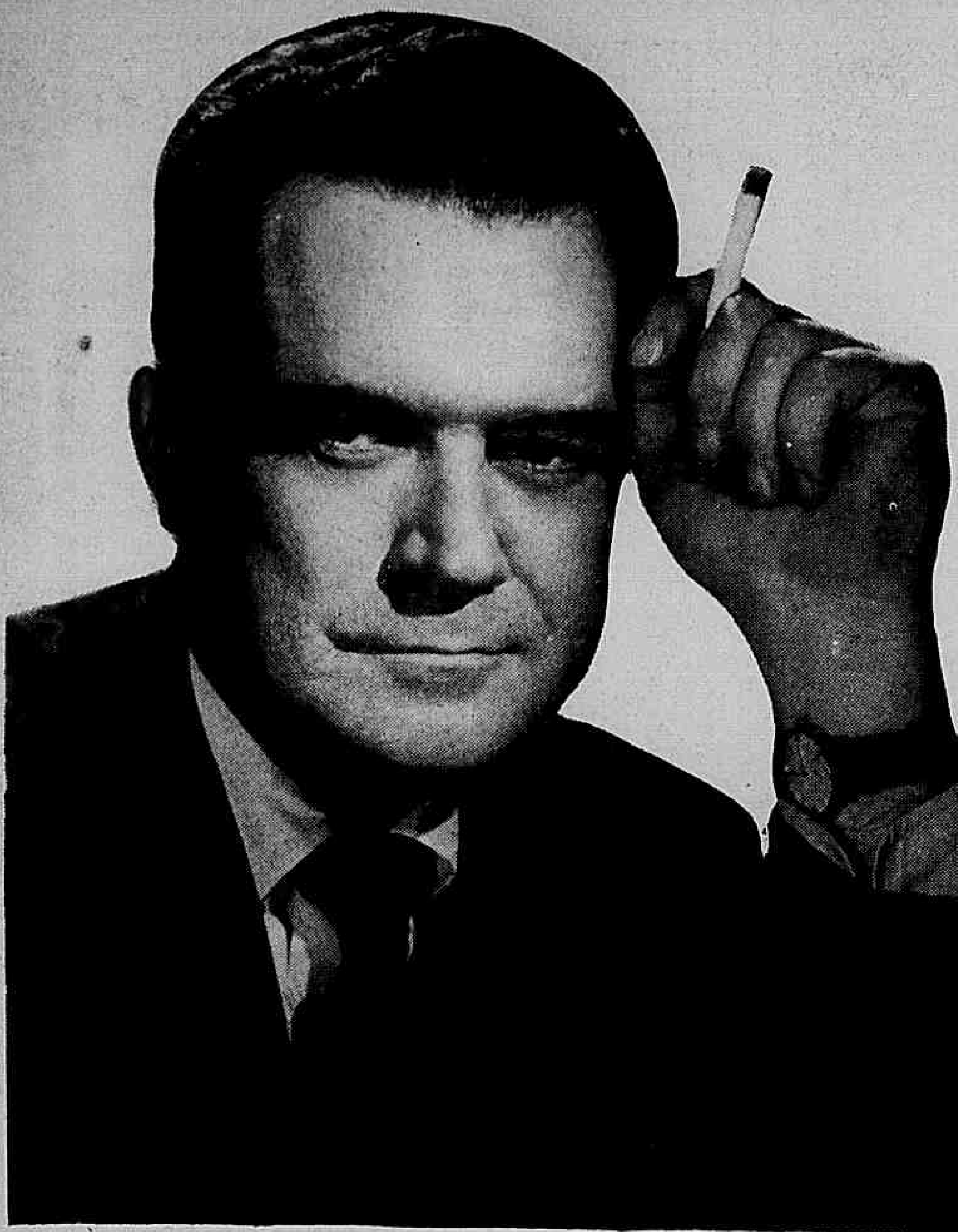
Esther Williams mostra a Fernando o «maillot» com que aparecerá numa cena do filme que ambos fizeram juntos: «Dangerous When Wet», da Metro

tiu em meio para ir ser locutor radiofônico. Foi campeão de natação em Buenos Aires e resolveu tornar-se artista de cinema após descobrir que possuía uma bela voz de tenor. O mais famoso filme dos dezenove que fêz em sua terra natal foi "História de u'a Mulher Perversa" (versão portenha de "O Leque", de Oscar Wilde), com Dolores Del Rio e Francisco De Paula. O seu casamento com a atriz Perla Mux não durou seis meses e êle veio para Hollywood em companhia da sua segunda espôsa, Lydia Babacci, a fim de fazer a doublagem espanhola de "The Avengers", da Republic, com John Carroll. O pianista José Iturbi viu-o e — impressionado com a sua *estampa* física e bela voz — apresentou-o ao produtor Joe Pasternack, da Metro, que o contratou imediatamente. Seu primeiro filme americano foi "Rica, Moça e Bonita", com Jane Powell e Danielle Darrieux, mas, quando Lana Turner o viu em "A Lei e a Mulher", com Greer Garson e Michael Wilding, a loura *rainha do glamour* exigiu que êle fôsse o seu galã em "A Viúva Alegre" e daí nasceu a idéia de se lançar uma campanha publicitária sôbre um suposto romance de amor entre ambos. A campanha foi tão bem sucedida que Lana e Fernando de fato

(Cont. na pág. 34)



Entre cenas de «Sangaree» — o filme em terceira-dimensão que está fazendo na Paramount com Arlene Dahl — Fernando Lamas folheia um exemplar de «A CENA» que lhe apresenta nossa correspondente em Hollywood. O «astro» torna-se sério e pensativo quando depara com as cenas amorosas de «A Viúva Alegre» que estampamos naquele número. Talvez tivesse saudades dos «calientes» beijos de Lana Turner...



O artista Frank Lovejoy, objeto de pergunta de um dos nossos leitores

o fã pergunta: "A CENA" responde

Carmen Lúcia (Rio) — "... desejo saber os dados biográficos de Frank Lovejoy..."

R — Nasceu em Nova York, no dia 28 de março de 1914. E' casado com Joan Banks e tem dois "lovejoysinhos", Judith e Stephen. Começou no rádio, fazendo o detective Malone, antes de Gene Raymond. Destacou-se no cinema no filme "Black Bart", em 1948, com Yvone de Carlo. Seu filme mais recente é "The Difference", de Ida Lupino, com Edmund O'Brien e William Talman.

Hugo de Almeida (Campos) — "... poderia me dizer quem foi Eisenstein?"

R — Um dos consolidadores da arte cinematográfica, por isso mesmo considerado um mestre. Pintor, decorador e diretor teatral, Serge Mikhailovitch Eisenstein começou a interessar-se pelo cinema quando viu, em 1921, o filme "Intolerância", de Griffith. Tornou-se então um apaixonado por essa arte, de que chegou a ser um nome exponencial, com seu filme "O encouraçado Potemkine". Sempre coadjuvado pelo fotógrafo Edouard Tissé, êle nos deu, em 1928, "Octobre", em 1929, "La ligne Genèrale" e em 1930 rodou, na França, "Romance Sentimental". Em Hollywood realizou "Viva o México", que ficou inacabado. Em 1938 realizou "Alexandre Neusky" e em 1945, "Ivan, o Terrivel". Eisenstein nasceu em Riga no ano de 1908 e morreu em Moscou em 1948. Até sua morte um tanto prematura, dirigiu o Instituto do Cinema da União Soviética.

Sérgio (São Paulo) — "... peço informar se o elenco do filme "O Anjo Azul" conta com Marlene Dietrich."

R — "Der Blaue Engel" (O Anjo Azul), UFA, 1929-30, de Joseph Sternberg, com Marlene Dietrich, Emil Janings, Hans Albers, Kurt Gerron, Edoard von Winterstein, Rosa Valetti e Ilse Furstenberg.

José Luis Silveira (Rio) — "... para onde devemos escrever quando um artista não tem estúdio permanente?"

R — Para: Screen Actors Guild, 7046, Hollywood Boulevard, Los Angeles, California, U.S.A.

Diana Miranda (Pôrto Alegre) — "... Jephrey Hunter é casado?"

R — Sim, senhora, com Barbara Rush, uma estrelinha que pouco a pouco vai se firmando, assim como seu simpático marido. O verdadeiro nome de Jephrey é Henry H. McKinnies, tem olhos azuis, cabelos escuros, mede 1,85 e é campeão esportivo. Tem 26 anos de idade e seu último filme exibido no Rio foi "Clube de Moças" (Take Care of little Girl), com Jeanne Grain e Jean Peters.

E. Maskio (Londrina) — "... pode-se produzir um filme na Itália com 200 ou 300 mil cruzeiros?"

R — Na realidade, o cinema italiano é relativamente "econômico". Mas, com quatro ou cinco milhões de liras, o que se poderá fazer mesmo é uma fitinha de terceira categoria, sabendo-se que, em média, uma produção peninsular orça sempre pela casa dos vinte milhões. Aqui no Brasil também já não se faz um filme com apenas 200 mil cruzeiros. Um filme pobre, como por exemplo, "Está com Tudo", saiu a seus produtores pela quantia de 900 mil cruzeiros. E' preciso convir que, apesar de nossa moeda ser mais valorizada que à italiana, as despesas para a realização de um filme são mais ou menos equivalentes, lá como aqui.

Cine-Crítica do LEITOR

PROBLEMAS SOCIAIS NA TELA

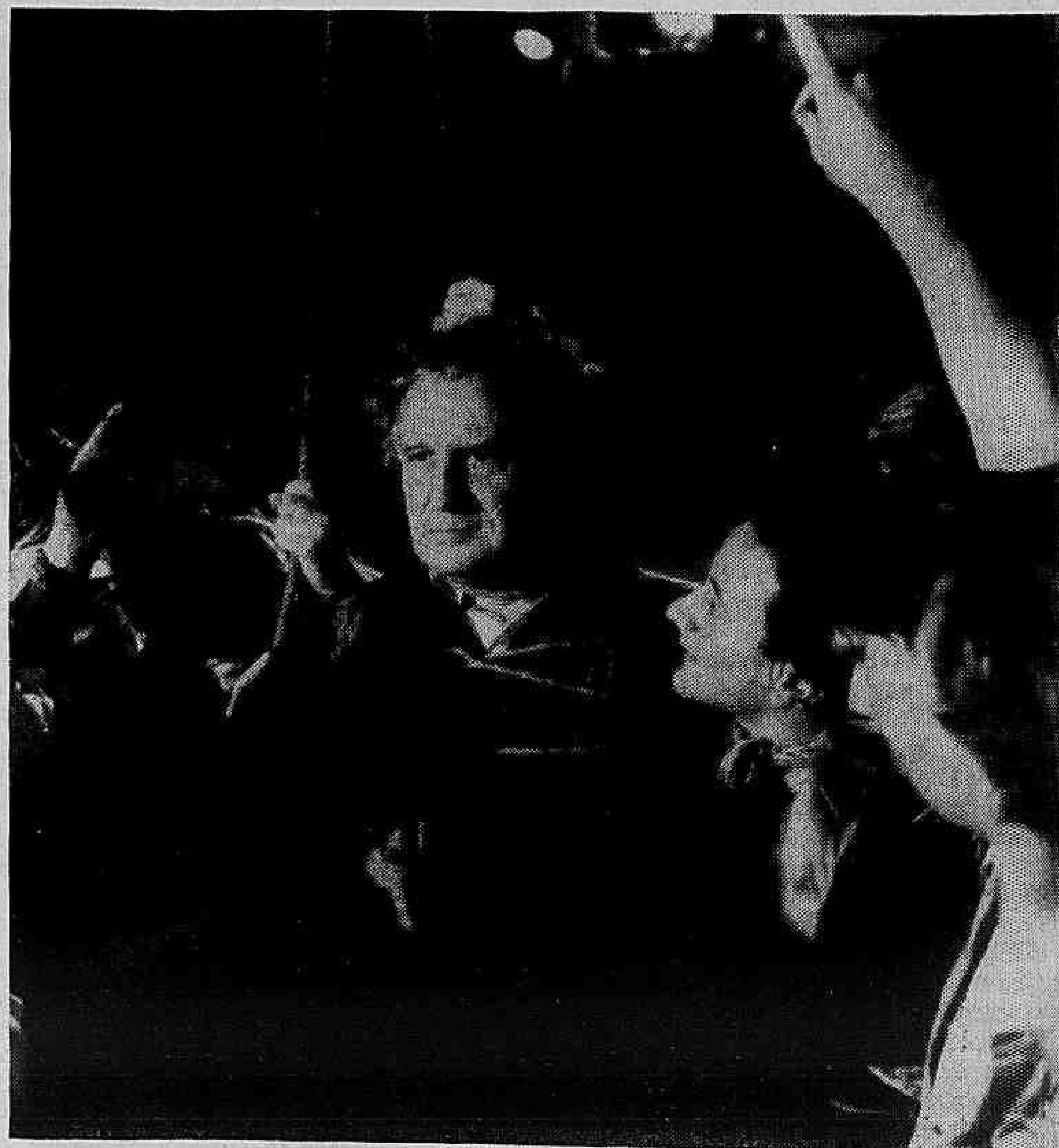
Sem dúvida alguma, o cinema evoluiu muito desde a sua descoberta. No passado, a cinematografia vivia quase de abnegados pioneiros, que lutavam para apresentar algo de interêsse, capaz de despertar a curiosidade pública. Mesmo assim, o cinema mudo apresentou grandes realizações e problemas humanos foram apresentados com significações. Um exemplo bem claro foram as produções de Charles Chaplin, onde sempre a solidariedade foi o seu ponto principal. E a sua contribuição foi, talvez, a mais rica de expressão e mensagem. Desde "Em busca de Ouro" até "Monsieur Verdoux", a cultura do cinema foi evoluindo em técnica, fotografia, truques, etc., porém, a beleza das obras de Carlitos permanecem sempre, como se fôssem novas e recém-lançadas no mercado.

A censura, antigamente, exerceu forte influência na sétima arte, fato que foi logo desaparecendo, para dar início a uma ofensiva de combate aos grandes males que afligem a humanidade. Tanto na França, onde os irmãos Lumiére apresentaram suas primeiras tentativas de cinema, como nos Estados Unidos, que transformou a arte recém-nascida numa indústria de vastas proporções.

No período de ante-guerra, o cinema francês, equipado com diretores como Renoir, Duvivier, Carné e outros mais, conseguiu mostrar, através de imagens, o realismo cru, sombrio e verdadeiro d'alma, em películas de valor, do quilate de "Cais de Sombras", "A Besta Humana", etc. Ai foi que começou, verdadeiramente, o movimento que hoje chamamos de "néo-realismo".

Foi preciso que terminasse a segunda guerra mundial, para revelar o cinema italiano, onde Rosselini, um obscuro desconhecido, tornou-se um repórter excepcional do povo peninsular. As obras cinematográficas da velha Itália, enriquecidas pelos talentos novos, de nomes até então ignorados, pouco a pouco foram revelando ao mundo tôda a pujança da raça latina. Encarando o problema social do seu povo, os cineastas italianos, donos absolutos do movimento "néo-realistico", analizaram os vestígios da última guerra, em películas como "Um dia na Vida", de Blasseti, que mostrou o que acontece em um convento invadido pela maldade; "Sem Piedade", de Latuada, foi um exemplo típico do que aconteceu em uma pequena cidade nas mãos dos conquistadores; "Vítimas da

(Cont. na pág. 34)



Uma cena do filme «Em qualquer parte da Europa», focalizado neste comentário

ARTISTICAMENTE

Neusa Maria assassinou Vassilik Purckio!

NA CÊRA GRAÇAS AO INTERVENTOR BARATA ★ "CANTAREI ATÉ APRENDER" ★ CÉSAR, O AMIGO DE SEMPRE ★ SUA FILHINHA E A NATUREZA ★ ALEXANDRE DUMAS ENTRA NA FAMÍLIA

Reportagem de SÉRGIO DÓRIA
Fotos de ALBERTO FERREIRA

Muito já se falou dos grandes astros e estrêlas do sem-fio nacional; mas há sempre, entre os cronistas especializados, um interêsse permanente de trazer, ao grande público, algumas linhas de exaltação àqueles que têm realmente valor, e o nome de Neuza





Na foto acima: Neuza Maria chegando, e ao lado, ensaiando acompanhada pelo saxofonista Miranda Pinto



Neuza e o maestro Ércole Vareto fazem uma pesquisa no arquivo musical, à procura de partituras para a próxima apresentação da apreciada cantora

Maria é um imperativo dos tantos que a conhecem pessoalmente ou que simplesmente a ouviram apenas uma vez.

★

Seu nome verdadeiro é, em si, uma curiosidade, pois, sendo italiana de origem, poder-se-ia esperar que a graciosa sambista da Nacional viesse a se chamar Francesca, Scillia, Rosa ou mesmo Carla, mas nunca Vassilik Purckio, nome que lhe foi dado por seus pais, homenageando um personagem do famoso romance de Alexandre Dumas — «O Conde de Monte Cristo».

Neuza Maria, ou Vassilik, como dizem os italianos, **se deixou** entrar pelo rádio a dentro, em busca dos lucros que muito cedo conquistou, seguindo uma trajetória curiosa e quase relâmpago, para quem começou num programa de calouros, dirigido pelo saudoso Gábus Mendes, na Record de São Paulo. Meses depois, ela se transferia para as «Associadas» paulistas, integrando o «cast» da Tupi com o fabuloso ordenado de Cr$ 600,00 mensais. Estamos a esta altura em 43, quando a notável artista foi cognominada de a «Estrêla de 43».

O Interventor Magalhães Barata, à frente do govêrno do Pará, fascinado pela voz dela, apresentou-a à Continental para suas primeiras gravações. E o destino de glórias futuras arrancou-a do solo bandeirante, fazendo com que, através do microfone da Tamoio, sua voz, sua graça e sua interpretação se difundissem pelos céus cariocas, enchendo de ternura os lares guanabarinos. César de Alencar, êsse nosso querido animador, já desde há muito mostrava sua boa-von-



Duas grandes intérpretes da Nacional: Emilinha e Neuzinha. Vocês por acaso, leitores, não estão com vontade de dar uma assentadinha nas cadeiras oferecidas?...



Às vêzes a discoteca se apresenta como um bom lugar para se meditar um pouco...



Quase sempre Chocolate está batendo gostoso papo com a louro intérprete da E-8


Nora Ney e Neuza Maria fotografadas após um «lunch» no bar da Nacional. Até que elas se identicam, não leitores?



A correspondência da contratada da Sinter é bem invejável. Na foto, vêmo-la no departamento especializado da PRE-8

tade para com aquêles que desejavam conquistar um lugarzinho ao sol. E foi pela mão do seguro «annonceur» cearense que a garôta dos olhos bem verdes entrou para o Rádio Clube do Brasil, fazendo daquela emissora o marco inicial da carreira magnífica que viria, tempos depois, quando pela mão do mesmo animador, entrava para a Nacional, juntamente com uma enorme leva de grandes valores que naquela época trocavam de prefixo.

★

Como sempre, no afã de melhor satisfazer a seus inúmeros ouvintes, a «terceira emissora do mundo» recolheu, entre seus melhores nomes, aquela figurinha franzina, dona de um filete de voz com o valor de um filão de ouro. Ambas lucraram e Neuza, carinhosa com seu público, sempre atenta à forma de seu repertório, foi conquistando, desde então, junto aos maiores, uma situação de prestígio, uma auréola de simpatia, uma atmosfera de carinho, por parte de seus companheiros e admiradores, que hoje a situam como um astro de luz própria, em meio do descomunal cenário artístico brasileiro.

Neuza Maria possui razões que a induzem a seguir sempre para a frente, removendo as possíveis barreiras que se lhe possam antepor. E' casada, felicíssima no casamento. E' mãe, tem uma boneca que é a razão de sua existência. Sua filha é tão bela que se poderia fazer: a natureza escreveu um poema e Neuza Maria ilustrou.

Queremos crer que tôdas as glórias do mundo deixaram de existir, ante a dádiva inspiradora que foi concedida a esta estrêla, a quem o muito que se lhe dê é pouco. E' viva, sempre sorridente e, depois de ouvi-la emocionada narrar as peraltices de sua filha, arriscamos a pergunta, que todos que a apreciam, na certa lhe fazem:

— Por quanto tempo ainda cantará?

E Neuza respondeu:

— Cantarei até aprender!

Eis a declaração despretensiosa daquela que, pelas inúmeras razões já citadas, poderia ser vaidosa e que, no entanto, representa a simplicidade viva, como um atestado de reconhecimento absoluto de seu valor pessoal, que não exige o artifício das atitudes estudadas e o pedantismo comum na maioria dos expoentes de nossos meios artísticos. Ela é simples. Não tem máscara.


Neuza é sentimental por excelência; por isso quase sempre a encontramos assim meditativa


Um trio que impõe respeito em qualquer programa montado: Neuza, Paulo Roberto e Mário Lago. A saúde, dessa vez, foi «batida» a café...



MULHER DE PIANCÓ é um gostoso baião da dupla Hianto de Almeida-Edel Ney, que foi gravado no mais novo disco de Manuel Macedo, o famoso acordeonista recentemente contratado pela Rádio Nacional. No flagrante acima, Nélia Paula, a linda «vedette» do Teatro Follies (principal figura da revista «Carrousel 53») dá-nos uma graciosa idéia da personagem Dona Chiquinha, a «A Mulher de Piancó», quando castigava, severamente, a Manuel Macedo

DAQUI, DALI, DACOLÁ

A equipe de redatores da Rádio Eldorado, que, sob a direção do competente Heraldo Tavares, vem atravessando brilhante fase, conta com os seguintes elementos: José Mauro, José Roberto Penteado, Zito Batista Filho, Renato Guimarães, Júlio Queiroz e Jeovah de Arruda Câmara. O chefe dêsse eficiente departamento da caçula das emissoras cariocas é o jovem José Kosinski de Cavalcânti.

★

Apesar de se encontrar gozando férias, a cantora Ângela Maria não interrompeu suas apresentações ao microfone da Mayrink Veiga.

★

Dentro em breve, a Rádio Tamoio voltará a apresentar as aventuras de "Jaguar, o terror dos detectives".

★

"A vida das palavras" é o interessantep rograma de Dias Gomes, que a Rádio Clube do Brasil está levando ao ar, às segundas-feiras, às 20,30.

★

A Rádio Eldorado contratou Vera Janocopolus, que pertencia à Rádio Gazeta de São Paulo. Essa especialista em música de classe estreará, na ZYZ-22, com o programa "Páginas dos mestres".

★

Retornou de Portugal, onde fêz grande sucesso com as suas representações, o humorista Badu.

★

Faleceu no hospital da Santa Casa, vítima de pertinaz moléstia, o veterano rádio-ator Carlos Machado, que ùltimamente emprestava o seu concurso à Rádio Nacional de São Paulo.

★

A Rádio Mayrink Veiga, anuncia, para breve, a estréia de Luís Jatobá como rádio-ator.

★

A Rádio Eldorado lançou dois novos e interessantes programas de José Mauro: "Rádio-teste musical", que é levado ao éter às têrças-feiras, às 20,30, e "Contos musicais", transmitido às quintas-feiras, às 20,30.

★

O humorista Jorge Murad reunirá em livro uma seleção de duzentas audições de seu programa "U-mu-rad-as", irradiado pela Mayrink Veiga, às 20,25 de segunda a sábado.

★

A Rádio Jornal do Brasil contratou a orquestra de Francisco Canaro para uma série de apresentações.

★

Paulo de Oliveira, que se vem destacando como um dos mais eficientes produtores da Rádio Clube, última a preparação de "Espumas flutuantes", grande história seriada baseada na vida romântica de Castro Alves.

★

Macedo Neto, rádio-ator que pertencia à Rádio Mayrink Veiga, firmou contrato com a Tupi. Êle vem se apresentando com geral agrado nas audições humorísticas da G-3.

(Cont. na pág. 34)

DISSE-ME-DISSE

MR. KILOCICLO

E' fala geral que Max Nunes saiu da Nacional devido às facilidades que a Tupi lhe proporcionaria. Mas, entretanto, a verdade é outra. Max já estava cheio de fazer o cartaz dos outros, e disse mesmo:

— Chega de fazer nome nas minhas costas! Quem quiser que arranje popularidade sòzinho!

E' essa a verdadeira história da saída do produtor de "Uma pulga na camisola". O caso do cancer é um caso diferente...

★

Ivon Cury é um rapaz que não é bem visto pelo sexo frágil. Isso porque, dizem cobras e lagartos de sua conduta acêrca das filhas de Eva. Agora, o que é certo é que muita gente boa sabe o que êle é capaz de fazer. Por isso é que muitas meninas, metidas a sabichonas, não devem duvidar da capacidade intelectual do mais artista dos Cury...

★

Já está dando o que falar a constante aparição de André Villon nas novelas e nos programas montados da Rádio Nacional. A duas conclusões nós temos que chegar:

1.ª — André é um rádio-ator muito bom. Insuperável...

2.ª — Os distribuidores estão levando gordos **jabaculés** para colocá-lo em tudo quando é audição.

Mas, enfim, o povo fala tanto que a gente custa acreditar...

(Cont. na pág. 34)

VALE A PENA SABER

Jonas Garret, o simpático animador de "Vesperal das 3" da Club, é uma das maiores correspondências do rádio carioca, chegando mesmo a receber cêrca de duzentas e cinqüenta cartas por dia.

★

Mafra Filho, o seguro rádio-ator da Nacional, sobejamente conhecido por suas boas criações ao microfone E-8, foi lançado no rádio por intermédio de Moacyr Bueno Rocha, juntamente com Sadi Cabral.

★

Foi o veterano "Calouros em Desfile", do mordaz Ari Barroso, que revelou, através de um concurso para escolha de novos rádio-atores, Nancy Wanderley à radiofonia verde-amarela.

★

Zé Gonzaga, mano do famoso Luís Gonzaga, é ainda, pode-se dizer, um brôto, pôsto que nasceu num belo janeiro do ano de 1929.

★

J. M. Campos — cujo nome completo é José Maria Manzo — é filho de São João Nepomuceno, Minas Gerais, e começou no sem fio na Rádio Sociedade Ubaense, em 1944. Campos forma no primeiro time de locutores da Mayrink Veiga.

PONTOS de VISTA

"Houve um tempo em que qualquer cidadãozinho que fôsse à NBC, ou à BBC, ler crônicas em português para um público que só existia na imaginação dêles, voltava e dominava o mercado, o rádio. Era sequestrado pelos diretores artísticos das emissoras e, geralmente, alcançava os maiores salários. Mas, a experiência demonstrou que, os *viajados*, entendiam menos do riscado do que aquêles que aqui ficavam, *dando duro*". — *Armando Louzada.*

★

"Fala-se em modificações na alta direção mairinquiana. Se fôr para melhorar, é interessante, mas se fôr para escangalhar o que de bom tem sido feito até hoje é melhor deixar como está". — *Ocosa.*

★

"Se os autores de algumas músicas célebres pudessem voltar a êste mundo e ouvir as *adaptações* que alguns compo-

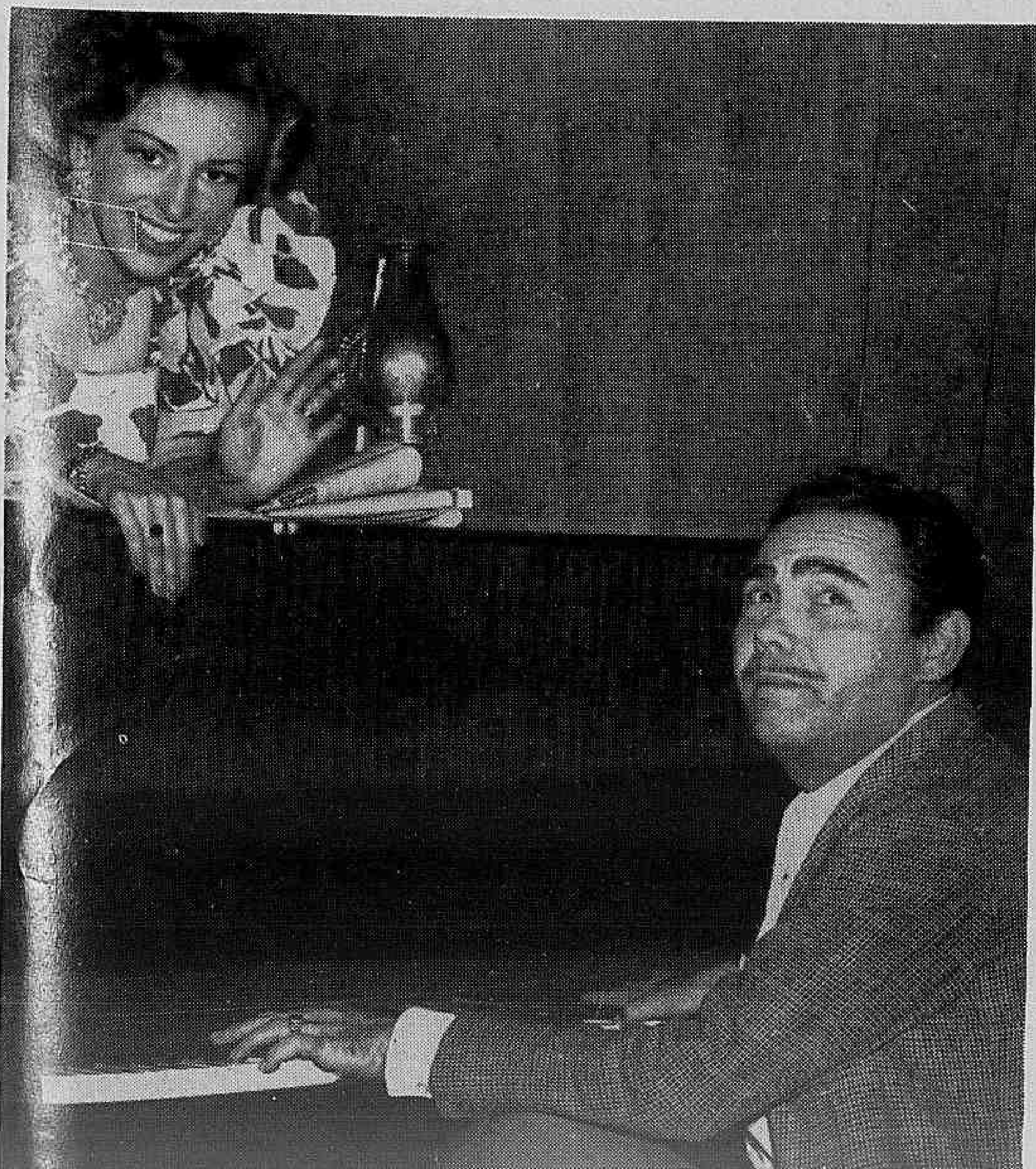
(Cont. na pág. 34)



HUMBERTO TEIXEIRA e Carmélia Alves ouvem a primeira prova do baião «Ajuda teu irmão», cuja renda total será em benefício dos flagelados da sêca do nordeste

O BAIÃO AJUDA OS FLAGELADOS

EM VINTE e quatro horas horas, o fabuloso Humberto Teixeira compôs um baião, afim de auxiliar os seus irmãos que padecem os rigores da sêca nordestina. Carmélia Alves prontamente ofereceu-se para gravar a música sem ganhar um tostão



HUMBERTO TEIXEIRA COMPÔS UMA MÚSICA EM VINTE E QUATRO HORAS PARA A CAMPANHA "AJUDA TEU IRMÃO" — CARMÉLIA ALVES E A GRAVADORA CONTINENTAL TAMBÉM COLABORARAM NO MOVIMENTO FILANTRÓPICO

Não é de hoje que os nossos círculos artísticos têm se mostrado generosos, colaborando em tudo quanto é campanha filantrópica. Ainda agora, quando do lançamento do movimento em favor dos flagelados da sêca nordestina, em que jornais e emissoras desta capital se uniram para angariar fundos que viessem amenizar o sofrimento daquela gente simples do nordeste, tivemos mais um exemplo disso.

★

Quando o jornalista Carlos Lacerda lançou, pela "Tribuna da Imprensa", a campanha "Ajuda teu irmão", em face da calamidade causada pela sêca no nordeste do país, procurou, imediatamente, movimentar todos os círculos em seu favor. Um dos primeiros que êle procurou foi o compositor Humberto Teixeira, dizendo-lhe mais ou menos isto:

— Sei que vou pedir-lhe uma coisa impossível. Mas, para o bom êxito de nossa campanha, seria necessário que você compusesse uma música, alusiva ao fato, no menor prazo de tempo possível, devendo a renda total dessa composição reverter em benefícios dos flagelados. Pense no meu pedido e resolva-o o mais breve possível, pois os nordestinos sofredores não podem esperar.

★

Humberto Teixeira, dono de uma inspiração prodigiosa, não esperou uma segunda solicitação. Imediatamente pôs mãos à obra, procurando, por meio de uma música, interessar o povo na grande e nobre campanha. Assim, após matutar durante vinte e quatro horas, compôs o baião "Ajuda teu irmão". Feitas a música e a letra, saiu à cata de um intérprete que quisesse colaborar no movimento filantrópico. No andou muito, entretanto, pois Carmélia Alves, tão logo soube dos fins a que se destinava o baião, acedeu em gravá-lo, abrindo mão de todo e qualquer direito sôbre a venda dos discos. Finalmente, a fábrica de discos Continental comprometeu-se a fazer a gravação da melodia sem visar lucros, isto é, tudo que ultrapasse o preço dos discos seria destinado à campanha "Ajuda teu irmão". Assim, imediatamente o baião foi lançado no mercado, passando, desde então, a ser disputado pelos discófilos, não sendo difícil que êle aponte como um dos "hits" musicais da presente temporada.

★

Eis a letra da vitoriosa melodia que Humberto Teixeira compôs em um dia apenas para a campanha "Ajuda teu irmão", que é também o seu título:

É, companheiro
Ajuda teu irmão
O norte tá doente
Precisa proteção
É, companheiro
Estende a tua mão
Não deixe um bom caboclo
Caído assim no chão.

Por mais pobre que tu sejas
Hás de ter um coração
Abre a bôlsa e tira dela
Nem que seja um tostão
Tá com fome, tá com sêde
Teu patrício do sertão
Junto dêle tu és rico
Ajuda teu irmão !



Charles Trenet, astro do Moulin-Rouge, aparece na fotografia em Paris, com as garôtas do «Can-Can», numa das últimas exibições do famoso compositor, antes de seu embarque para a América Latina. A consagrada celebridade do palco, do cinema, do rádio e da televisão, é o primeiro de uma série de atrações mundiais, que se exibirão nas Américas do Sul e Central e no México, participando, sob a direção de Espetáculos Victor Sturdivant, da Parada Latino-Americana de Astros de 1953. Ainda não se sabe se Trenet dará espetáculos em Havana

CHARLES TRENET em S. PAULO

Charles Trenet, famoso cantor de teatro, cinema, rádio e televisão, chegou à São Paulo. Trenet, que está fazendo uma «tournée» pela América do Sul, sob os auspícios de Espetáculos Victor Sturdivant, veio ao Rio, onde fêz enorme sucesso, quebrando todos os recordes dos grandes astros. Atendendo a centenas de pedidos, talvez volte ao Rio para um espetáculo teatral, depois de sua temporada na Boite Lord.

Cantando seu último sucesso, «Printemps a Rio», e outras canções de sua criação, como «La Mer», Charles Trenet fêz história na Capital Federal.

A vinda de Charles Trenet ao Brasil constitui um acontecimento, depois de sua vitoriosa temporada no Moulin Rouge — a maior boite de Paris — em fins de 1952.

Trenet já foi conhecido como «o cantor simplório», por causa do seu raro dom de mímica. Protagoniza com perfeição — com sua exuberância infantil, rosto largo, cabelos loiros e olhos azuis — um Harpo Marx francês, um Danny Kaye latino, um Frank Sinatra gaulês, ou um Noel Coward de Montmartre. E', na realidade, todos êles, sem ser nenhum. Porque Trenet é um dêsses gênios modernos, dos quais o mundo vê poucos em qualquer geração. Êle escreve a letra e a música de suas canções — e já compôs mais de 250 canções, sendo que 200 foram consideradas reais sucessos. Várias delas estão constantemente nas paradas de sucesso realizada na França. E ninguém canta uma canção de Trenet melhor do que Trenet.

O mundo inteiro canta «La Mer». Todos os grandes cantores atuais já incluíram esta canção em algumas de suas audições. Foi um dos primeiros triunfos de Trenet, e é sempre pedida, quando êle aparece em público.

Apesar de já ter ganho vários prêmios nas competições anuais de Deauville, sua última sensação, «Printemps a Rio», foi apresentada anônimamente. A qualidade venceu, mesmo sem o nome do autor. A canção ganhou o Grande Prix Tino Rossi, em Deauville, em 1952. Sòmente mais tarde soube-se quem era o autor. Onze dos melhores cantores da França lutaram para conseguir suas gravações em primeiro lugar. Trenet foi o último. Não se apressou. Seus discos são sempre os mais vendidos.

Trenet nasceu em Narbonne, no sul da França, em 6 de maio de 1913. Êle diz que escreveu sua primeira canção com 7 anos. Começou a compor e cantar, na verdade, quando se apaixonou, aos 17 anos.

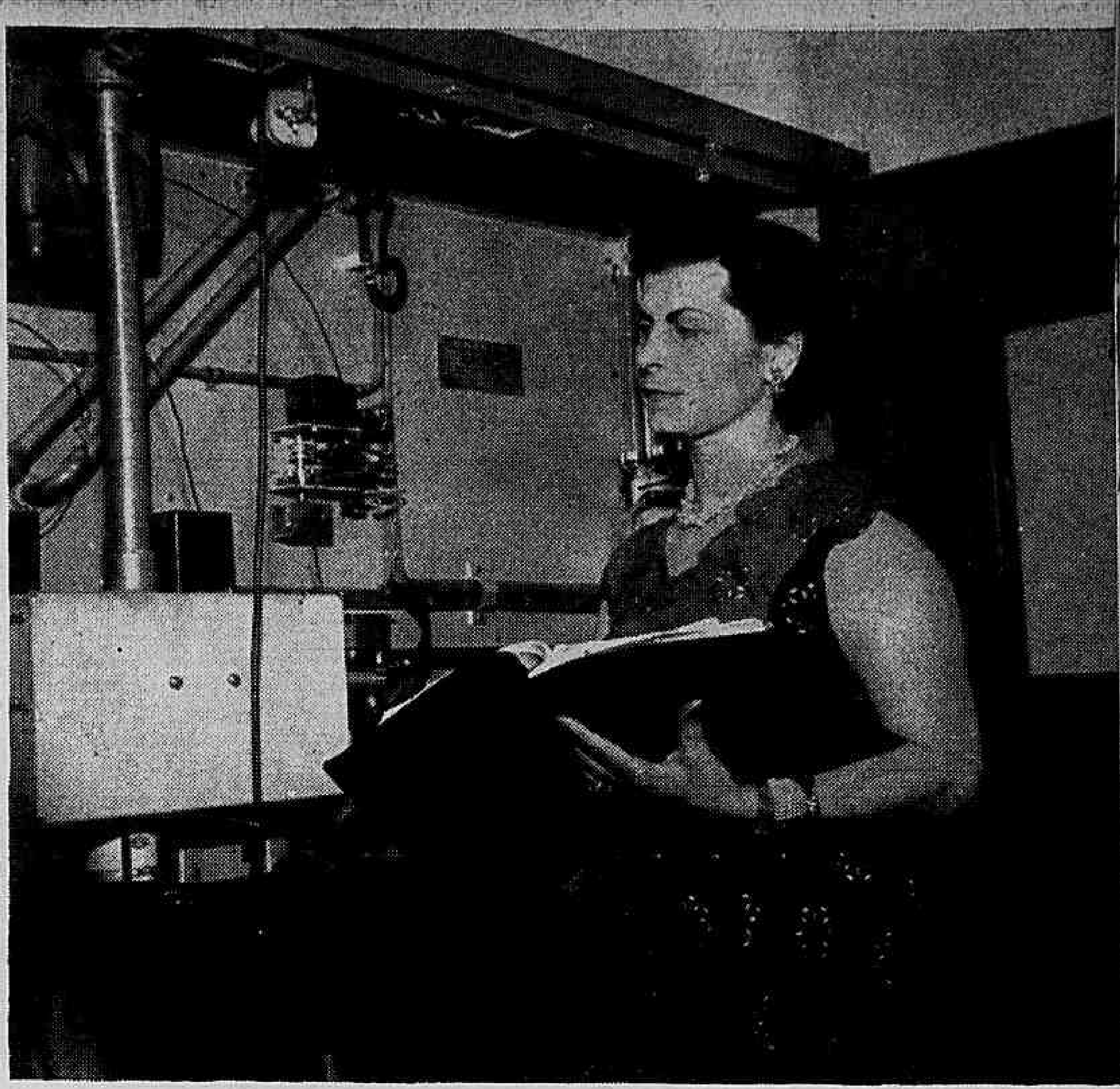
Seu pai, um tabelião que gostava de tocar trombone em seus momentos de folga, estava decidido a fazer de Charles Trenet um arquiteto. Chegou a inscrevê-lo numa escola de arquitetura. Não deu certo. Charles era essencialmente um artista — mas não para construir edifícios. Ainda hoje êle pinta — e pinta bem — mas prefere pintar um poema em canção.

Em 1937, depois de terminar o serviço militar, Charles Trenet levou a Maurice Chevalier uma canção chamada «Y'a de la joie». Chevalier e Trenet se identificaram nessa canção, que percorreu o mundo. Trenet fêz sua estréia como cantor em 1938, no A.B.C. Music Hall de Paris.

Entre as canções que cantará nesta nova tournée, sob os auspícios de Espetáculos Victor Sturdivant, existe uma, chamada «La Jolie Sardane», baseada em folclore basco e catalão; e outras canções favoritas, como «La Mer», «Retour a Paris», «Histoire d'un Monsieur», «Ma Maison», «Ohe Paris», «Douce France», «Dimanche Prochain», «Où Vas-Tu», «Chaque Nuit», «J'ai Ta Main Dans Me Main». «Mes Jeunes Années», «Dans les Rues de Quebec», «L'Âme des Poetes», etc.



Uma pose bem distinta colhida em seu bem montado apartamento. A sra. Khoury trata com muito carinho a sua linda residência



Ana Khoury não é uma dirigente de gabinete. Dessa maneira, não é estranhável encontrá-la reiteradas vêzes examinando o mecanismo interno da Eldorado

CONFESSA D. ANA KHOURY FIZERAM TUDO PARA TORPEDEAR A ELDORADO

ATÉ O PRECONCEITO RACIAL E RELIGIOSO FOI INVOCADO PARA IMPEDIR A FUNDAÇÃO DA ZYZ-22 ★ UMA RÊDE DE RADIOS ELDORADO NA AMÉRICA DO SUL ★ FATURANDO 900 MIL CRUZEIROS POR MÊS ★ AS NOVIDADES QUE SERÃO APRESENTADAS PELA CAÇULA DAS EMISSORAS CARIOCAS

Fotos de ALBERTO FERREIRA
Reportagem de MARCOS GASSMANN

Há cêrca de 6 meses, estêve em visita ao Rio um senhor americano, proprietário de numerosas emissoras em sua terra. Mister Rahal é o nome do ilustre visitante e vinha com a intenção de trazer e lançar sensacionais novidades para o que chamava o «esgotado» rádio brasileiro. Mas, surpreendeu-se, como muita gente boa que vem para a nossa terra com certas «idéias» preformadas, ao deparar com a evolução palpitante da radiofonia verde-amarela. Principalmente, quando conheceu o sistema inteiramente original de apresentação da jovem Rádio Eldorado. Entusiasmou-se. Fêz questão de conhecer a pessoa que tivera o arrôjo de organizar e levar avante esta maneira de fazer rádio. Sua surprêsa tri-



No lar, a diretora eficiente se transforma em mãe carinhosa e devotada à suas felizes filhinhas



Com a tristeza estampada nas faces, ela espia mais uma vez o que seriam os os moderníssimos estúdios da Eldorado



Frente à sra. Ana Khoury, ao Ministro Simões Filho e outras altas autoridades, o Presidente Vargas entrega a «Copa Eldorado» ao «in-sider», Ademir um dos vencedores do Sul-Americano de Santiago



Eraldo Corrêa, um dos braços-direito da Eldorado, palestra com sua dirigente acêrca de um novo anúncio, já levado à cêra e, conseqüentemente, pronto para irradiação



O dia inteiro o telefone tilinta constantemente chamando por D. Ana Khoury. Ela, prazeirosamente, atende a todos os telefonemas com atenção e boa vontade

plicou ao ver atrás da mesa da direção-geral a figura elegante e suave de uma mulher. Não empregou muitas palavras, mas disse o bastante à Dona Ana Khoury:

— Madame, nada mais tenho que fazer aqui. A senhora mostrou com sua emissora o que é e o que poderá ser o rádio brasileiro. Vocês não precisam de maneira alguma de pessoas estranhas para incrementar o progresso. Estão bem maduros para as grandes realizações.

Poucos dias depois, embarcava para os Estados Unidos levando uma idéia bem diferente do nosso rádio. Felizmente.

★

Tarde tórrida de verão carioca. O asfalto das ruas prendia-se pegajoso nas solas dos sapatos e o suor escorria e ensopava camisas e paletós. Foi um alívio para o repórter, quando foi introduzido na elegante e aprazível sala de Dona Ana Khoury, diretora-presidente da Rádio Eldorado. Com um sorriso encantador nos lábios, ela nos recebeu e colocou à vontade. Ao nos identificar, seus olhos brilharam agradàvelmente surpreendidos e exclamou:

— Repórter de A CENA MUDA? Que satisfação! Fique sabendo o senhor que desde mocinha leio e sou ardente admiradora desta revista tão gostosa. Creia, é com satisfação que o recebo.

Após êstes cumprimentos, não foi nada difícil para nós iniciar o bombardeio de perguntas, às vêzes indiscretas e incômodas. E' a profissão.

★

E' surprendente como uma mulher rica, mãe de 5 filhos e jovem ainda, pudesse ter tido a idéia e o pulso firme para planejar e concretizar isto que muitos homens, com mais traquejo e maiores conhecimentos do mundo dos negócios, não conseguiram e até desistiram. Pedimos que nossa gentil anfitriã nos explicasse o aparecimento e a razão de ser da Rádio Eldorado. Ela explicou:

— Bem, a verdade é esta. Nunca sonhei, nem minha própria família, possuir ou dirigir, um dia, uma estação de rádio. Mas foi o egoísmo e a incompreensão dos homens qeu me obrigaram a deixar de lado um pouco meus filhos e lançar-me na empreitada. Mais claramente: desde menina, imbuída nos mais puros princípios filosóficos de compreensão e fraternidade, que meu velho pai, o professor Bez Merege, sempre me mostrava, com suas belas e inesquecíveis parábolas, que venho lutando para minorar os sofrimentos dos menos favorecidos e daqueles que a doença lança ao caos do sofrimento. Pois bem. Há mais ou menos 5 anos, juntamente com outras senhoras de nossa sociedade, fazíamos a campanha para os filhos dos leprosos, quando procurei uma pessoa de grande projeção radiofônica (não vale a pena citar nomes) e pedi que apoiasse êste movimento tão humanitário através do rádio, o melhor veículo de propaganda. O referido senhor, porém, negou-se, com algumas desculpas fracas e deselegantes. Fiquei chocada e terrivelmente desiludida. Naquela tarde, ao regressar a casa, nasceu esta idéia que hoje é uma radiosa realidade. Sim, pensava, por que eu mesma não levantaria uma estação de rádio? Uma emissora que tivesse como principal diretriz a defesa das campanhas humanitárias e, ao mesmo tempo, proporcionasse programas dos mais selecionados e originalmente apresentados.

★

Prossegue Dona Ana Khoury:

— Foi muito difícil o início. Procurei Raul de Albuquerque (então diretor dos Correios e Telégrafos) e expus meus planos. Mostrou êste amigo as grandes dificuldades na obtenção de novos canais e, ainda, uma agravante: era completamente míope em questões radiofônicas. Contornei êstes problemas ao afirmar que iria até Berna, e, lá, haveria de «descobrir» canais de qualquer maneira. Quanto à segunda dificuldade, pedi que Albuquerque me indicasse os livros necessários para inteirar-me dêste assunto. Durante um ano estudei e me aprofundei em tudo que fôsse concernente ao rádio. Devorei com ardor maçudos compêndios de legislação e técnica radiofônica. Minha família e amigas surpreenderam-se quando me viram abandonar a pintura e o piano para escrever e discutir problemas técnicos que, no início, pareceram-me insondáveis. Mas, eu tinha que aprender...

(Cont. na pág. 34)



As idéias novas e que resultem em benefício da coletividade estão sempre pululando na mente da diretora da Rádio Eldorado

GANHE CR$ 200.000,00 DE PRÊMIOS!

Televisão, geladeiras, bicicletas motorizadas, patins, terreno, enceradeiras, serviço de café, máquina de escrever, liquidificador, máquina de costura e muitas outras coisas úteis.

Conheça o Brasil: recorte da REVISTA DA SEMANA e colecione lindas gravuras coloridas de valor histórico e geográfico com ótimo texto educativo

no Álbum Revista da Semana

ATENÇÃO

As figuras coloridas, que deverão ser recortadas da «Revista da Semana» e colocadas no «Álbum», começaram a ser publicadas na «Revista da Semana» n.º 12, de 12 de março de 1953. Números atrasados da «Revista» bem como o «Álbum», são encontrados em todos os jornaleiros do Brasil.

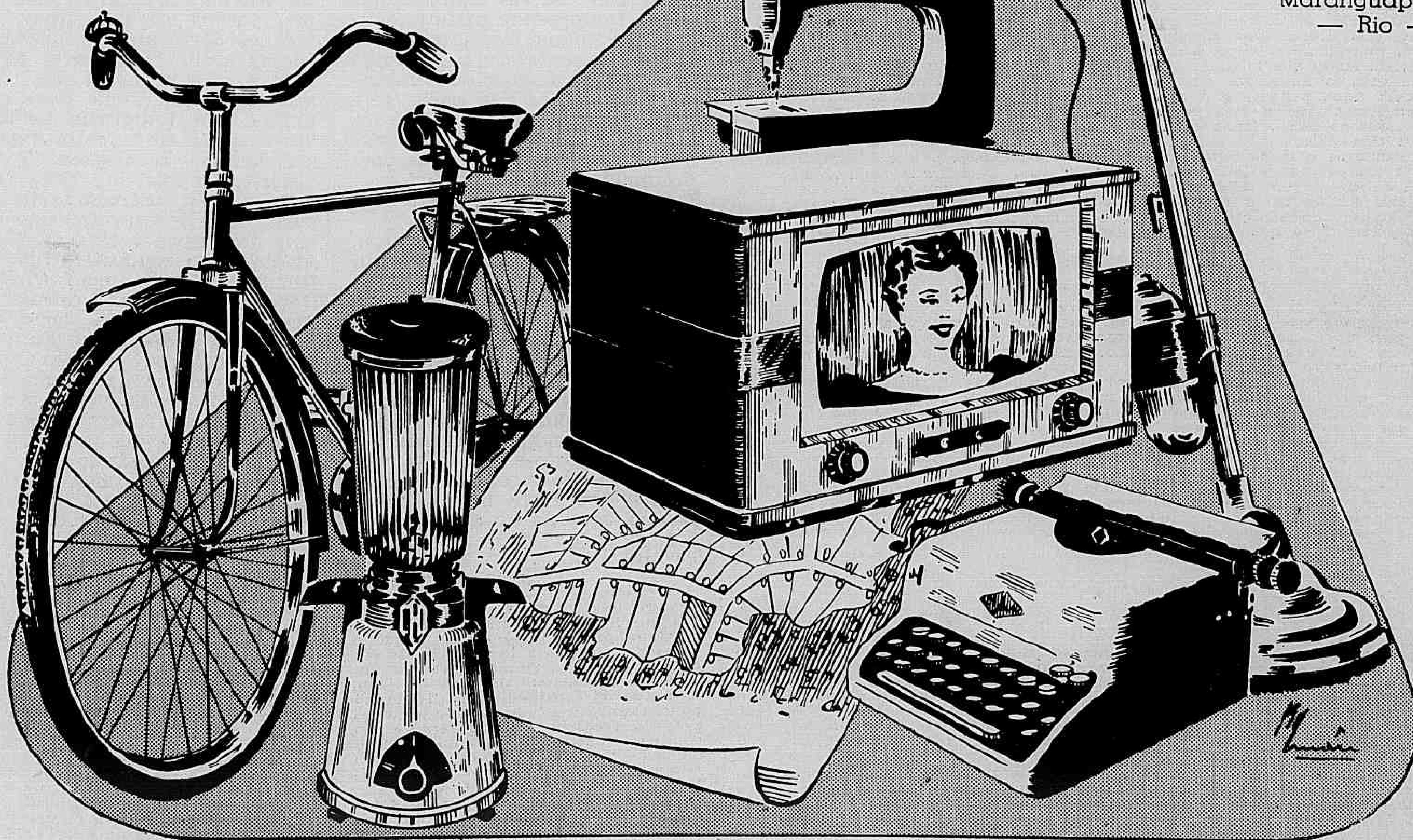
Pedidos à Redação: Rua Visconde de Maranguape, 15 — Lapa — Rio.

Condições na

REVISTA DA SEMANA

a venda em todos os jornaleiros

Redação: Rua Maranguape, 15 — Rio —



Realização da Brazília Turística e Comercial S. A.

RUA VISCONDE DE INHAÚMA, 134 — RIO DE JANEIRO

CONFESSA D. ANA KHOURY...

(Cont. da pág. 28)

Os três telefones da mesa de Dona Ana Khoury não cessam de tilintar. Os funcionários entram e saem. Ordens são despachadas, papéis são assinados. Incrível que aquela jovem senhora possa dar conta de tudo aquilo. Mas, com voz suave e firme, a diretora da Rádio Eldorado vai impulsionando-a dia a dia para torná-la uma das mais poderosas do Brasil. Após uma interrupção de cinco minutos, retorna à entrevista:

— Não precisei ir até Berna. Fui à Bolívia e lá obtive os primeiros canais que permitiriam a instalação da ZYZ-22. Então, começaram a aparecer as primeiras coisas desagradáveis. Certos compatriotas (imbuídos da melhor «boa-vontade») iniciaram uma verdadeira campanha contra a mulher que tivera a audácia de lhes passar a frente. Só Deus sabe as verdadeiras perseguições por que tive de passar. Lutei e ganhei. E, no dia 21 de fevereiro de 1952, minha querida Eldorado (meu sexto filho) ia para o ar... O êxito foi além do que previramos. Minha coragem foi crescendo. Por que não fundar outras Eldorado, não só em diversos Estados brasileiros como em países sul-americanos? Consultei meus acionistas. Concordaram. Foi lançado, então, o plano para a fundação de uma cadeia de emissoras.

Uma pausa e prossegue Dona Ana:

— Vou desta vez ao Paraguai, e, consigo mais alguns canais. Era o meu sonho um pouco aumentado que ia se realizando. Penso agora em algo mais... Penso no magnífico intercâmbio que vamos realizar com a Eldorado espalhada, por quase todos os países da América do Sul. Mas, as coisas não foram tão suavemente arranjadas. Longe disto. Os meus inimigos voltaram à carga, e, desta vez, usando argumentos mais torpes e injustificáveis: o preconceito racial e religioso... Não tive dúvida e mandei uma carta ao Presidente da República, pedindo justiça para o caso. Felizmente os interessados não puderam interceptar ou evitar o julgamento de Sua Excelência. Dêste modo, foi assinado o convênio. Dentro de alguns meses a Eldorado estará espalhada por São Paulo, R. G. do Sul e pelos países sul-americanos, Bolívia e Paraguai. Meu amigo, a Rádio Eldorado existe e pesará na balança da radiofonia continental. Não acha?

O repórter disse que sim...

★

Estávamos satisfeitos com o histórico oferecido pela diretora-presidente, mas reparáramos que ela nada dissera sôbre o incêndio que destruiu quase tôdas as dependências da emissora, justamente três meses após sua inauguração. Expusemos nossa curiosidade. Sorrindo gentilmente e com um ar de reprimenda, explicou-nos:

— Foi o maior choque de minha vida. De maneira alguma queria relembrar êste terrível drama. Mas sua curiosidade é tanta que tocarei neste assunto desagradável. O prejuízo não foi pequeno. Perdemos cêrca de 5 milhões de cruzeiros e o pior é que atrasou de maneira séria nossas atividades, pois pretendíamos, ao iniciar êste ano, darmos início aos nossos programas de auditório e de montagens. Mas, de qualquer maneira, estamos firmes e cada vez mais animados e não como querem certas pessoas, propagar nossa derrota. E' irrisório, ridículo, mesmo. Não nos falta dinheiro nem disposição. A Eldorado é uma família unida que luta com amor à causa que abraçou. E' um tanto demagógico, mas, creia, é sincero.

★

Sabíamos, e o público leitor também está ciente da verdadeira deserção que houve nas primeiras fileiras da ZYZ-22, em que militavam algumas das maiores figuras de nosso rádio, como Gilberto Martins, Alziro Zarur e Júlio Atlas. Eles deixaram a emissora com certo estardalhaço. Principalmente o primeiro, quando de sua saída, ia ocasionando quase que um escândalo. Indiscretamente, abordamos com Dona Ana Khoury êstes «casos». Sua fisionomia, de ordinário alegre, anuviou-se e respondeu, um tanto sêcamente:

— Nada tenho que falar do Gilberto Martins. Êle saiu da Rádio e nada mais... E' um assunto liquidado. Quanto aos senhores Alziro Zarur e Júlio Atlas, permanecem meus amigos, e a saída de ambos prendeu-se exclusivamente à falta de programas que a êles poderiam ser confiados. São grandes produtores de rádio todos os três e tenho admiração pela capacidade de trabalho dêstes nossos antigos elementos.

Aproveitamos a deixa para lembrarmos o outro «caso», o ator Mesquitinha, que recebia um polpudo salário sem que trabalhasse. Contrariada respondeu-nos:

— A culpa não era dêle. Absolutamente não posso culpá-lo. Se o contrataram (Gilberto Martins era o diretor de Broadcasting) nestas condições, êle não poderia recusar tão interessante oferta. O senhor não aceitaria?

O repórter disse que sim, novamente...

★

Observáramos que a conversa estava caminhando por um lado bem desagradável para nossa anfitriã e, cavalheirescamente (a profissão às vêzes não deixa), resolvemos entrar em algo mais ameno. Perguntamos quais seriam as novidades da Eldorado para êste ano:

— Muitas e muitas. Teremos, dentro de alguns meses, nossos programas de auditório, que serão apresentados de maneira diferente e fugindo da chanchada obscena. Temos em vista contratar algumas de nossas melhores cantoras populares que, diga-se de passagem, haverão de cantar músicas cujas letras e melodias serão selecionadas por um departamento de compositores que pretendo inaugurar dentro em breve. Penso convidar alguns dos nossos maiores compositores para trabalharem conosco. E, finalmente, mandaremos ao ar, ainda êste mês, o nosso serviço noticioso, preparado pelo nosso recém-criado Departamento de Notícias. Minha equipe de locutores (os mais selecionados do nosso rádio) e produtores, como José Mauro e Júlio Queiroz, estão preparados para apresentarem grandes programas, assim que nossos estúdios e auditório estejam prontos.

★

Nossa reportagem estava por ser encerrada quando fizemos nossa última pergunta, desta vez dirigida a Heraldo Tavares, diretor de Publicidade da Emissora e assistente geral, que acabava de entrar na sala. Era a seguinte: A Rádio, com êste sistema tão «diferente» de fazer programas e divulgar anúncios, dava ou não lucros? Foi, porém, Dona Ana Khoury quem nos deu prontamente a resposta:

— Meu lucro, como disse no início de nossa entrevista, é revertido em obras de assistência, mas de qualquer maneira estamos satisfeitos. Nos últimos oito meses temos faturado mensalmente cêrca de 900 mil cruzeiros.

Para apoiar as palavras da diretora, o sr. Heraldo Tavares mostra-nos uma circular da emissora que indica, segundo s investigções do I.B.O.P.E., que há uma média de 20 mil receptores sòmente no Distrito Federal sintonizados para a ZYZ-22.

Nada mais temos a dizer sôbre a realização desta dinâmica senhora. E' um exemplo, não só para os «tarimbados» colegas ao fazer um rádio limpo e aproveitável, como também às suas irmãs de sexo ao lançar-se de corpo e alma em algo «objetivo» para o bem do próximo, pois a Eldorado continua com a principal diretriz que a acompanha desde o nascedouro, isto é, incentivar e lutar pelas campanhas que dêem solução aos problemas que afligem as classes pobres e, ao mesmo tempo, incrementar o intercâmbio cultural e fraternal entre os povos.

O SEX-APPEAL DE...

(Cont. da pág. 34)

um filme em terceira-dimensão com êle e sua nova amada. Esta película é "Sangaree", uma romântica história do século passado.

....

Entro num emaranhado bosque, onde se espalha densa neblina. Súbito, um tiro quebra o silêncio e um corpo cai na grama, umedecida pelo orvalho matutino. "Morto ?" — pergunta um dos *padrinhos* do duelo. "Não, apenas ferido", — responde o *médico*.

— "Corte !" — berra o diretor Edward Ludwig. As câmaras se afastam, a neblina pára de ser espalhada pelo imenso aparelho do estúdio e *o corpo* levanta-se, caminhando na minha direção.

— Como vai a CENA MUDA ? — pergunta *o ferido*, que outro não é senão Fernando Lamas.

— De vento em pôpa ! — respondo desvanecida em saber que o *astro* ainda se lembra bem da nossa revista. Fernando conta-me que estêve no Rio de 1938 a 1939 e que quase passou fome, pois os cassinos cariocas não queriam contratar um cantor desconhecido como êle.

— Apesar disso, diverti-me a valer na "cidade maravilhosa"! — confessa o simpático ator. — Pretendo voltar lá assim que tiver longas férias, a fim de poder apreciar melhor os seus encantos, agora que não estou mais procurando emprêgo...

Tento verificar se êle ainda fala o idioma português.

— *Eu esqueceu*... — pilheria Fernando. Depois explica que ainda compreende perfeitamente nossa lingua, mas já não sabe formar as sentenças porque não teve chance de continuar falando nos últimos dez anos. Tem estado em aperfeiçoar cada vez mais o seu inglês — cujo vocabulaário é excelente, mas com pronúncia ainda muito fraca. Lanço uma insinuação a Fernando:

— Como é que se arranjou, então, nos seus *romances* com as americanas?

— "You don't have to know the language..." — pondera êle com um sorriso maliciosamente encantador. E' mesmo um rapaz fascinante. Não tem os traços mais perfeios do mundo, mas atrai como um imã ! Seus prematuros cabelos grisalhos e os olhos verde-escuros — que penetram até a alma ! — imprimem-lhe forte masculinidade que, somada ao seu naturalíssimo temperamento de típico cavalheiro latino, tornam-no mesmo irresistível. "Êle me faz sentir como se o mundo fôsse meu !" — confessou Arlene Dahl à sua cabeleireira da Paramount. Por sua vez, quando o abordo sôbre Arlene, Fernando diz apenas o seguinte:

— Quando Iturbi me levou à Metro há alguns anos atrás, eu não sabia uma palavra de inglês. O estúdio deu-me uma ótima professora, Gertrude Fogler, a fim de ensinar-me o idioma. Ao cabo de poucos meses, já preparado para fazer o *teste* em inglês, o diretor George Sidney pediu a Arlene Dahl que contracenasse comigo. Sendo eu, então, um ilustre desconhecido e ela uma *estrêla* famosa, fiquei sensibilizado quando soube que concordara com a idéia. E, mais ainda, ao receber de Arlene conselhos e atenções especiais, aos quais dei grande valor por conhecer a vasta experiência que ela tem do ambiente cinematográfico. Jurei que lhe seria eternamente grato pela bondade com que me tratou e, se não nos tornamos amigos há mais tempo, é porque as circunstâncias não o permitiram.

Fernando não discute a natureza da sua relação amorosa com Arlene no momento porque o divórcio dela só será definitivamente decretado dentro de um ano, mas a prova de que ambos se amam está patente no fato de que desejam fazer tantos filmes juntos quanto possam. Após "Sangaree", estão escalados para aparecerem juntos em "The Diamond Queen", da Warner Brothers. Êste filme, porém, só terá início em meados dêste ano, porquanto a filmagem de "Sangaree" ainda durará vários meses por estar sendo processado de duas maneiras: em fotografia tecnicolor normal e em terceira-dimensão, através do sistema "Paravision". Depois de "The Diamond Queen", Fernando diz que gostaria de interpretar com Arlene uma nova versão de "Love Affair" — a romântica história filmada há anos com Charles Boyer-Irene Dunne e exibida no Brasil com o título "Duas Vidas". Mas, se Arlene e Fernando ainda serão amigos para fazerem um terceiro filme juntos, é uma problemática conjetura que só o futuro responderá, pois, até lá, ela já terá conseguido o seu divórcio e, ao que parece, êste Casanova argentino não pretende se *amarrar* novamente tão cedo!...

IVANHOÉ...

(Cont. da pág. 9)

imagens que a fantasia de cada leitor cria ao ler uma página qualquer. O máximo que se pode exigir é que o filme recomponha a imaginação de seu realizador que, certamente, tomou um prévio conhecimento da obra literária. E, nessas circunstâncias, o diretor só pode expressar-se de acôrdo com os próprios recursos de imaginação e não com os de outrem. Lembramo-nos aqui de Jean Giradoux que diz que todo filme tem um autor *temporal*, o escritor, e um autor *espacial*, o diretor. Dentro dessa feliz concepção do grande teatrólogo francês não será difícil dar ao filme "Ivanhoé" o seu justo valor, considerando-se que se a realização no *espaço* dêsse episódio histórico e lendário não pode ser considerada uma criação genial do espírito humano, isso é precisamente porque sua realização no *tempo* também nunca o foi. Em outras palavras, o "Ivanhoé" de Richard Thorpe não é superior nem inferior aos "Ivanhoé" de Sir Walter Scott.

Sem mais preâmbulos, queremos considerar o filme "Ivanhoé" uma realização cinematogràficamente perfeita, conseguindo trazer para a tela a súmula de um enrêdo literàriamente dilatado, minucioso e prolixo. Os defeitos do filme são os defeitos de uma arte que ainda está muito nova para ter padrões e expressões eternas.

Descendo para particularidades, temos no filme um colorido dos mais perfeitos que já vimos, uma encenação convincente e um trabalho interpretativo razoável. Faltou a Robert Taylor uma certa penetração no espírito de seu personagem. Elizabeth Taylor continua a mostrar a mesma inexpressividade de sempre. Joan Fontaine e George Sanders, bem melhores que seus companheiros. O ponto culminante do filme é o cêrco do castelo apresentado aqui com uma espetaculosidade verdadeiramente *cecilbedemileana*.

Em suma, filme bom. Naturalmente, dentro do espírito que lhe serve de fundo.

MALVINA (Indo) — Oh, meu Deus, meu Deus!

....

MARIA — A senhora acha que eu fiz bem em ter mandado chamar a mamãe?

SENHORA — Fêz, sim. Ela estava sofrendo muito por sua causa. Você devia ter feito isso há mais tempo.

MARIA — Por que não me disse antes?

SENHORA — Eu não queria influir no seu coração. (Mística) — Acompanho o destino dos homens, mas não posso influir nos seus sentimentos. Prefiro deixá-los agir de acôrdo com as suas consciências, procurando ajudar àqueles que necessitam de mim e que são dignos da minha graça.

MARIA — Quando é que eu vou com a senhora para a sua casa cercada de rosas?

SENHORA — Muito breve, minha filha. Quando chegar o dia, eu virei buscar você.

MARIA — O Tio Juca não pode ir comigo? Vou sentir tanta falta dêle...

SENHORA — O Tio Juca não poderá ir agora. Mas você virá buscá-lo quando chegar a ocasião.

MARIA (Feliz) — A senhora deixa eu voltar para buscá-lo?

SENHORA — Deixo, sim. Você vem para ensinar a êle o caminho.

MARIA — Oh! Vai ser muito bom! Senhora, eu não queria que ninguém ficasse triste com a minha saída. (Tristinha) — Todos estão muito tristes. Hoje o sol ficou escondido nas nuvens, os passarinhos não cantaram e até as rosas que o Tio Juca me trouxe estavam perdendo as pétalas... No dia em que eu fôsse embora, sabe? eu queria que o céu estivesse bem azul, o sol muito bonito, e os pássaros cantassem como nunca. Não lhe pedirei mais nada...

SENHORA — Está bem, Maria Angélica. Será feita a sua vontade.

....

TIO JUCA (Contristado) — Não posso abrir a janela, minha filha. O médico recomendou...

MARIA (Débil, resignada) — Abra, Tio Juca. O Senhor não disse que estava um dia muito bonito?

TIO JUCA — Está sim, mas...

MARIA — Eu quero ver! Só um pouquinho...

TIO JUCA — Está bem, só um pouquinho.

TIO JUCA — Está satisfeita agora?

MARIA (Maravilhada) — Oh! Que maravilha...

TIO JUCA — Lindo dia, não é? Imagina. Ontem, tudo estava triste, o céu fechado, o sol escondido, e hoje os passarinhos estão cantando até mais bonito!

MARIA (Êxtase) — Hoje tudo está mais bonito, Tio Juca. E eu me sinto feliz, muito feliz!...

(Na próxima semana o capítulo final)

RÁDIONOVELA

de JOSÉ FERNANDES

AS ROSAS de MARIA ANGÉLICA

CAPÍTULO XXXI

Maria Angélica aproximava-se do fim. Com o decorrer daqueles últimos dias, a doença avançara muito, e já não restavam mais esperanças. O médico se mantinha a seu lado, triste por ver que a ciência era impotente para lutar contra a inimiga invisível que lhe rondava o leito. Na fazenda, a tristeza era geral. Os empregados deixavam o trabalho e ficavam reunidos do lado de fora, em grupos silenciosos, aguardando a qualquer momento o lance final daquela pequenina existência. Parecia até que a natureza participava daquele desalento, pois o sol se mantinha nas nuvens e os pássaros não cantavam. A morte de Maria Angélica simbolizava o desaparecimento do último anjo que descera à terra...

....

CLÓVIS (Abatido) — Que está fazendo aqui, Tio Juca? O senhor não foi jantar...

TIO JUCA (Triste) — O pessoal lá dentro já jantou?

CLÓVIS (Suspiro) — Não. Ninguém quis.

TIO JUCA — Então? Ela ainda está dormindo?

CLÓVIS — Está.

TIO JUCA — Vim aqui pro quintal para ver se desabafava um pouco. Lá dentro eu estava me sentindo mal...

CLÓVIS — Eu também. (Angústia) — Não suporto ver aquilo, Tio Juca! E' de cortar o coração da gente! Por que não fazem alguma coisa? Por que ficam todos parados, esperando que a menina morra?

TIO JUCA (Resignado) — Que é que a gente pode fazer, Clóvis? E' a vontade de Deus...

CLÓVIS — E' uma injustiça, Tio Juca. Não posso compreender por que é que Deus tira do mundo pessoas como Maria Angélica.

TIO JUCA — O lugar dela não é aqui, meu filho. Nós ficamos, porque somos maus, somos pecadores, temos que cumprir o nosso destino. Agora, Maria Angélica, para que vai ficar aqui? Para sofrer mais? Para ser incompreendida e maltratada? Não Clóvis, Maria Angélica não nasceu para viver no mundo. Êste mundo é muito ingrato, só tem injustiça, é todo feito de mentira e de maldade...

CLÓVIS — Sei disso, Tio Juca, mas eu não posso admitir que ela sofra tanto para depois morrer. Se vai morrer, para que o sofrimento?

TIO JUCA — Você não compreende, Clóvis. E' moço, ainda não sabe pensar direito. A menina não está sofrendo, não. Vá lá dentro e olhe para ela. Você verá no seu rosto uma grande tranqüilidade, nos seus

lábios um sorriso doce, como se ela estivesse sonhando o sonho mais lindo! Ela é mais feliz do que nós, meu filho. Vai morar num lugar muito bonito, bem longe daqui... enquanto nós ficamos lutando, sofrendo, esperando uma coisa que não vem. A felicidade não vem não, Clóvis. E' tudo mentira, tudo ilusão. Tudo passa e quando a gente chega ao fim da vida, vê que não fêz coisa alguma. Você, de certo, não pensa assim, porque é moço, tem esperanças, as mesmas que eu tive quando estava na sua idade... Eu pensava que o dia de amanhã ia trazer alguma coisa, mas não trazia não. Nunca trouxe, ficava sempre para o dia seguinte... o dia seguinte que não vem, que é eterno.

CLÓVIS — Não gosto de ouvi-lo falar assim, Tio Juca. Acho que... é porque o senhor tem razão.

TIO JUCA (Suspiro) — Vamos para dentro, Clóvis. Êles devem estar precisando da gente.

. . . .

HORTÊNSIA (Contristada) — Teófilo, vamos fazer mais uma tentativa. Isso não pode ficar assim.

TEÓFILO (Desalentado) — Não adianta, Hortênsia. E' inútil.

HORTÊNSIA — Doutor, o senhor não acha que devemos insistir?

MÉDICO — Bem, poderiam insistir, mas não devem forçar a menina a falar muito. O estado dela é muito delicado.

HORTÊNSIA — Sabemos disso, mas não podemos permitir que ela fique aqui, sofrendo dessa maneira, sem que os pais saibam.

TEÓFILO — E não é só isso. Há também outros problemas, o registro do óbito...

HORTÊNSIA — Não fique com mau augúrio, Teófilo. Isso faz mal.

TEÓFILO — Precisamos ser práticos e humanos, Hortênsia. Não podemos evitar o inevitável.

MÉDICO — De fato, minha senhora, não há mais esperanças. O que temos a fazer agora é esperar o final. Já não falta muito.

HORTÊNSIA (Soluço na voz) — Vamos tentar mais uma vez, Teófilo. Não custa. Quem sabe se com jeito...?

TEÓFILO — Vamos. Não custa tentar.

MÉDICO — E' preciso cuidado, sr. Teófilo. Qualquer um pequeno esfôrço que ela fizer poderá provocar uma hemoptisis. E esta seria fatal.

HORTÊNSIA — Venha conosco doutor. O senhor poderá auxiliar-nos.

. . . .

HORTÊNSIA (Carinhosa) — Minha filha, não seja injusta com os seus papais. Êles devem estar muito preocupados por sua causa. Você tem coragem de deixar a sua mamãe sofrer, sem notícias suas? Não faça isso, meu bem, seja boazinha...

MARIA (Fraca, fio de voz) — Onde está o Tio Juca?

TIO JUCA — Estou aqui, meu bem. Que é?

MARIA — Nada. Pensei que o senhor tinha ido embora...

TIO JUCA — Não. Eu fui apanhar essas flores para você.

MARIA — Ah.

HORTÊNSIA (Baixo) — Fale com ela, Tio Juca. Pode ser que ao senhor ela atenda...

MARIA — Tio Juca, por que estão todos aqui no quarto?

TIO JUCA — Ah, o doutor, d. Hortênsia, seu Teófilo, o Clóvis... Êles estão aqui para pedir uma coisa a você, minha filha.

TEÓFILO — Se você nos atender, nós pediremos à sua mamãe para não castigar você mais.

MARIA — Tenho mêdo...

HORTÊNSIA — Não tenha mêdo não, meu bem. Quando a sua mãe chegar e abraçar você novamente, ela nunca mais pensará em castigo.

TIO JUCA — E' isso mesmo, Maria Angélica. Pode acreditar...

MARIA — Eu vou dizer, então. Estou com saudade de papai, de Glorinha... e mesmo de mamãe...

TEÓFILO — Pois êles podem vir amanhã mesmo. Clóvis irá buscá-los no carro, não vai, Clóvis?

CLÓVIS (Para ela) — Vou, até agora, se você quiser.

MARIA — Então eu vou contar.

. . . .

MENDES (Suspiro) — Mais um dia sem a gente saber de nada!

MALVINA (Abatida) — Já estou perdendo as esperanças, Mendes. Ou aconteceu alguma coisa com a nossa filha ou ela não se lembra mais de nós...

PADRE LUÍS — D. Malvina, acredito na primeira hipótese. Uma filha nunca se esquece dos pais, principalmente Maria Angélica.

MENDES — Estou desnorteado, padre Luís. Não sei o que fazer. Era para levar a família daqui, deixei tudo arranjado, e agora não posso fazer nada. Todo o meu trabalho perdido.

PADRE LUÍS — Não acha que é pior ficar desanimado?

MENDES — Nesse estado de espírito não poderei conseguir coisa alguma.

PADRE LUÍS — Mendes, para todos os males há uma compensação. Você perdeu Maria Angélica, mas recuperou a Glorinha, que estava pràticamente perdida.

MENDES — Preferia que ela continuasse inválida no leito, mas que a outra estivesse aqui!

PADRE LUÍS — Seu coração não se confrangia ao ver aquela coitadinha prêsa à cama sem poder se levantar?

MENDES (Desespêro) — Mas perdi Maria Angélica, padre Luís!

PADRE LUÍS (Cresce) — Sim, mas quem é que pode contrariar a Providência Divina? Quem?

MALVINA — Não se desespere, Mendes, por favor.

MENDES (Suspiro) — Seria melhor se a gente não pensasse mais, esquecesse as preocupações, deixasse de existir.

GLORINHA (Vindo afobada e aflita) — Papai! Mamãe!

MALVINA (Assusta-se) — Que é, Glorinha?

GLORINHA (Atabalhoadamente) — Maria Angélica! Maria Angélica!

MENDES, PADRE LUÍS, MALVINA — Hein? Que é? Que tem ela?

GLORINHA — Maria Angélica, mamãe. Tem um moço aí fora. Trouxe notícias dela. Ela está passando muito mal.

SINTONISANDO

«HISTÓRIAS DO TIO JANJÃO», Nacional, às quartas-feiras, às 9,45 hs. — Bem gostosa e interessante é essa produção de Oranice Franco, dedicada à petizada. Em suas «Histórias do Tio Janjão», êle dá exemplo às crianças de nossa terra sôbre como devem proceder e como ser corretas nas ações praticadas diàriamente. Álvaro Aguiar se avelhantasse mais a voz estaria perfeito na caracterização do bonachão e meigo Tio Janjão. As histórias do «Ratinho ...ota» e da «Abelha comilona» mostraram muito bem como é saboroso o estilo do montanhês Oranice Franco. Sem mêdo de errar, dizemos que êsse é um «broadcast» que agrada a grande e pequenos. — **Gostamos.**

★

«NO PALCO DA VIDA», Mayrink Veiga, às quintas-feiras, às 20,00 hs. — Tínhamos Aloísio Silva Araújo na conta sòmente de produtor humorístico; ignorávamos, completamente, que êle fôsse um produtor de programas sérios de alta envergadura. O seu quintafeirino «No palco da vida», que tem a sempre bem recebida narração de Luís Jatobá, nos apresentou um novo Aloísio, o Aloísio de produções sérias e que nos levam a procurar sintonizar cada vez mais a «Sua PRA-9». — **Gostamos.**

★

«VAMOS FALAR DE AMOR», Difusora do DFSP, às quartas-feiras, às 21 hs. — Milton Salles, um dos jovens produtores do rádio brasileiro, é o encarregado da feitura do «Vamos falar de amor», que é defendido de maneira bem invejável pela equipe de rádio-atores da PRN-9. Redação simples, sem apresentar uma linguagem rebuscada, dá aos ouvintes das ondas curtas da N-9 um montão de curiosidade sôbre o nectar que Cupido despeja sôbre o mundo. Marilza de Castro, Hélio Marinho, Celso Dória, Ivan Silva e Josemar de Castro são intérpretes dessa atraente produção de Milton Salles. — **Gostamos.**

★

«DALVA DE OLIVEIRA», Tupi, às segundas-feiras, às 21,30 hs. — Dalva de Oliveira tem deixado muito a desejar em suas últimas apresentações ao microfone da «líder associada». Apanhou a infeliz mania, se podemos considerar como tal, de errar em tôdas as músicas que interpreta. Diversos ouvintes do «Cacique», que ouviam as audições da criadora de «Kalu», estão completamente decepcionados com seus constantes tropeços. Achamos lamentável que Dalva continue se enterrando cada vez mais naquele sumidouro que é a Rádio Tupi, com suas quedas bruscas e decepcionantes para seus inúmeros fãs. E' necessário que Dalva recupere o mais depressa possível, porque senão qualquer dia só cinzas existirão daquela Dalva de Oliveira que fazia vibrar milhares de corações. — **Esperamos que melhore.**

★

«MELODIAS PARA UM DIA FELIZ», Eldorado, diàriamente, às 8,00 hs. — Como tôdas as audições musicais da Eldorado, «Melodias para uma dia feliz» mantém aquela linha de apuro e bom gôsto de um programa conscientemente organizado. E' um prazer sintonizar os 550 quilociclos para ouvir as deliciosas melodias apresentadas nesse cartaz diário. Mantém a Eldorado a primasia de ser a mais bem organizada emissora na apresentação de músicas em conserva. — **Gostamos.**

A BELEZA DOS SEIOS **BÉL-HORMON**

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

BÉL-HORMON



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....

NOME ....

RUA .... Nº ......

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

Rádio Social

TIA LAURA

NADIA AMANDO

A simpática rádio-atriz da Tupi, Nadia Maria, parece que arranjou um novo amor, já que não deu certo seu romance com Décio Luís, que, talvez por isso, tenha se passado para a Rádio Globo. Nadia agora está sendo vista constantemente com um jovem louro-avermelhado, que milita nas hostes da Tamoio. Um dia dêsses mesmo, eu os vi passeando muito juntinhos pela Avenida Central. Até que formam um casal bem bonitinho. Se tudo der certo, tenho certeza que o rapaz (brôto) louro-avermelhado ganhará uma grande espôsa. Isso mesmo, meus sobrinhos, casem, pois a radiofonia verde-amarela precisa da renovação de valores...

ÍSIS E O CASAMENTO

Uma coisa que ainda não compreendi até hoje é a sobrinha Ísis de Oliveira continuar assim, sem mais nem menos, no rol das solteironas. Tão meiga, simpatíssima, solícita à tôda prova, não concebo que ainda não tenha aparecido um jovem, ou um mais velho nos anos, para tirá-la da vida parada e cacete das que vivem longe do matrimônio. Ísis, sobrinhos do coração, merece um casamento em ponto grande. Eu vejo tanta gente casando sem merecer e a minha simpática Ísis continua sòzinha neste mundo de ninguém. Ah, se eu fôsse do sexo fraco (forte é o meu), a srta. De Oliveira não continuaria sem acompanhamento neste imenso Distrito Federal!

ISAURA, A BOA PRAÇA

Estava rabiscando as linhas para o espaço que o Levy me reserva tôda semana, quando me lembrei da Isaura Marques, um amor de solicitude da Rádio Nacional de São Paulo. No dia em que estive em visita à G-9, poucos dias depois da inauguração, fui cortezmente tratada pela Isaura, que me apresentou ao pessoal que defende as «falas» dos seriados da ex-Excelsior. Falam tão mal das meninas artistas da paulicéia, mas se tôdas forem iguais à diferente Isaura, creio que tal falatório não passa de um extravasamento de despeito de certas criaturas, que invejam a bondade alheia. Se Deus quiser, qualquer dia irei rever a minha amiga e sobrinha Isaura Marques, pois as saudades já apertam o meu engraquecido coração. ração.

TONICO MARIA APAIXONADO

Se me contrariarem, eu vou querer satisfações com todos os meus sobrinhos. Quem vai me dizer que o Antônio Maria, aquela monstruosidade de escritor da PRA-9, não é um eterno apaixonado? Tôda composição do Tonico nos fala de gente (êle no caso) sem amor, de morrer sem acompanhamento, de um menino grande que tem à sua cabeceira um alguém que canta lindas canções, enquanto êle (Antônio Maria) dorme. As letras de suas produções musicais dizem muita coisa que êle não diria ao vivo, ao ouvido de um alguém que não canta enquanto o menino grande dorme. Te o Tonico quisesse, eu poderia dar-lhe uns conselhos acêrca de como se pode conquistar um coração, apenas em três lições práticas e cômodas. Mas não sei se êle — o menino grande — quererá ouvir as minhas canções de ninar... apaixonados... pois as ruas de meu coração já estão tôdas completamente esburacadas.



POLVILHO ANTISSÉPTICO



acaba com as Brotoejas



JOÃO FRE

PROBLEMAS SOCIAIS NA TELA

(Cont. da pág. 20)

Tormenta", a formidável realização de Vitorio de Sicca, foi um libelo a favor da infância abandonada, entregue aos vícios pecaminosos do mundo. Depois, os temas de guerra foram ficando para trás e novos problemas foram, então, analisados. Dotados de grande material humano, surgiram com Giussepi de Sanctis (Arroz Amargo), Renato Castelini (Sob o sol de Roma), Aldo Vergano (Giuliano, o Bandido da Sicília), o que chamamos conflitos pacíficos, e que, no entanto, são responsáveis pelos dilemas internos de uma nação.

Há pouco tempo tivemos uma amostra da decadência infantil, através da realização de Geza Radvanyi, um diretor húngaro, cineasta responsável, autor de um documento significativo da nossa época e que se chama "Em qualquer parte da Europa". Êsse filme nos mostrou que a Hungria está artisticamente preparada para a produção de grandes fitas.

Mesmo o cinema francês de atualmente tem apresentado, no campo social, celulóides que abordam conflitos psicológicos, destacando-se, entre outros, "Eterna Ilusão", onde Jaques Becker apresentou a mocidade do século vinte, entregue ao jazz, ao existencialismo, etc.

Foi da Inglaterra, que tem apresentado grandes espetáculos, que chegou o maior de todos os dramas sociais. Refiro-me à obra de Edward Dmytrick, "O Preço de uma Vida", um dos mais humanos filmes apresentados na tela.

E que dizer dos americanos, no campo social do cinema?... Apesar de lutarem contra certos preconceitos os americanos do norte têm mantido uma equipe de valor no cinema arte, muito embora diretores de importância tenham deixado de lado a batalha ora empenhada pela cinematografia americana. Elias Kazan, um nome feito no teatro, foi o diretor de um dos primeiros filmes sôbre o preconceito anti-semita. E "A Luz é para todos" resultou numa boa amostra da sua habilidade. Entre os muitos diretores que trabalham em prol do cinema social, convém destacar Mankiewiez que com "O ódio é cego" tratou o assunto racial bem de perto, não visando lucros comerciais. Mark Robson tratou do box, compondo uma obra-prima, no inesquecível filme "O Invencível". O drama das mulheres prêsas foi o ponto alto de "A Margem da Vida", a película que elevou definitivamente Eleonor Parker ao estrelato.

Até mesmo o cinema mexicano, com os seus dramalhões, tem na pessoa de Emilio Fernandez um diretor forte, capaz de lutar pelo seu povo.

No vasto campo que ainda tem a ser percorrido pelos cineastas, existem muitos obstáculos que, com certeza, não serão impecílios para tão corajosos homens, que ora lutam confiantes nos problemas do mundo. A Itália, a França, a Inglaterra, os Estados Unidos, o México, e muitos outros países, são os maiores responsáveis pela batalha que o cinema está apresentando. Todos êles querem mostrar os conflitos com idéias pacíficas, mas tal coisa não acontece, porque são problemas existentes na vida diária de cada nação. Ficam, contudo, expostos, frente a frente a cada um de nós, os problemas que se relacionam com a nossa existência e, muito embora não tenhamos poderes suficientes para resolvê-los, ficamos ao menos sabendo que êles existem e que precisam ser resolvidos.

É a função social do cinema.

GERALDO EDSON (Natal)

NOTÍCIAS E COMENTÁRIOS

(Cont. da pág. 10)

As emprêsas de cinema "Severiano Ribeiro" e "Metro", pretendem instalar novos cinemas no bairro de Vila Isabel. Bem que aquêle lugar, onde nasceu Noel Rosa, merece cinemas de primeira linha.

★

"Sombra e Água Fresca", filme brasileiro rodado em São Paulo, tendo como principal ator o cômico "Torresmo", foi considerado "má qualidade" pela Divisão de Censura.

★

"Os Dois Recrutas" é o título do próximo filme da Atlântida, a ser dirigido por Eurides Ramos. Cill Farney e José Lewgoy, são os recrutas.

★

Mais uma produtora de filmes no Brasil. Trata-se da Cruzeiro Filmes Limitada. Seu primeiro filme será "Rio, Sonho Tropical".

★

Alexandre Wulffes acaba de pedir registro do título "Brasil no Século XX". Que será?

★

E, por falar em registros de títulos de filmes, temos a registrar o pedido formulado pela Columbia Pictures, para a sua mais recente produção, cujo título solicitado é: "Sob o Céu da Coréia".

★

Está de parabéns o "Cineac Trianon", pois foram remodeladas as poltronas, oferecendo ao nosso distinto público um confôrto maior. Que êste exemplo seja seguido por outros proprietários de cinema.

ENCONTRO COM OS ARTISTAS

(Cont. da pág. 5)

Voltando novamente à conversa sôbre os aspectos da cidade, ela nos disse:

"Gostei imensamente do Rio, principalmente de suas praias. São realmente as mais belas do mundo. Copacabana, muito grande, acheia-a a mais bela de tôdas. Fiquei realmente impressionada da beleza plástica da mulher brasileira... Quanto aos rapazes brasileiros, são realmente muito simpáticos..."

Ao despedir-se do repórter, Dominique assim se referiu ao nosso clima: "Aqui faz realmente muito calor, mas em compensação vocês brasileiros são recompensados por terem muitas praias e muitos refrigerantes gostosos, principalmente o guaraná, que é realmente uma delícia... agora mesmo vou beber um bem gelado, estão servidos?"

Com os nossos agradecimentos, ela saiu em direção ao bar... E assim ficou terminada a nossa entrevista com DOMINIQUE WILMES.

DAQUI, DALI...

(Cont. da pág. 21)

"A marcha dos acontecimentos" é o título que receberão os informativos da Rádio Eldorado, cujo lançamento é anunciado para breve.

★

"Tem gato na tuba" é o programa humorístico que a Rádio Clube lançará brevemente, estrelado por José Vasconcelos, agora exclusivo da A-3

★

Sábado próximo, no auditório das Associadas, durante o "Vesperal das Moças", Abelardo "Chacrinha" Barbosa realizará a grande festa de encerramento do concurso "Os melhores das Associadas em 1952".

OS PREMIADOS...

(Cont. da pág. 15)

Melhor história: "The Lavander Hill", de T. Clarke.

Melhor direção de "set": Edwin Wills e Keogh Gleson, por seu filme "The Bad and the Beautiful".

Melhor direção de "set" em côres: Marcel Vertes, por "Moulin Rouge".

Melhor gravação de som: "Breaking the Sound Barriede", London Films.

Melhor desenho animado: Fred Quimby, por "Johan House".

Melhor filme de curta metragem: "Light in the Window".

Melhor filme curto de duas roldanas: "Water Birds", de Walt Disney.

Melhor filme branco e prêto: Robert Surtee, em "The Bad and the Beautiful".

Melhor cameragem em côr: Winton Soch e Archie Stour, por "The Quiet Man".

Melhor partitura por um filme dramático: Dimitri Tiomkin, por High Noon".

Melhor orquestração para um filme musical: Alfred Newman, por "With a Song in my Heart".

Melhor canção: "High Noon", música de Dimitri Tiomkin e letra de Ned Washington.

Melhor desenho de vestuário (branco e prêto): Helen Rose, por "The Bad and the Beautiful".

Melhor desenho de vestuário em côres: Marvel Vertes, em "Moulin Rouge".

Melhor filme documentário de longa metragem: "The Sea Around us", da RKO.

Melhor direção artística: Em filmes branco e prêto, Cedric Gibbons e Edward Carragno, por "The Bad and the Beautiful", e em filmes em côres: Paul Sherif, por "Moulin Rouge".

"NÃO DESONREI TEU...

(Cont. da pág. 12)

mento de Carlin. Quando ela percebe que o que ela pensava a respeito do filho era verdade, sofre um colapso cardíaco. Ela encontra Stedman, mas não quer cooperar com êle, e ignora que todos os seus movimentos em Washington estão sendo vigiados por um de seus agentes. John segue para a casa de sua mãe, sabendo ter ela conhecimento da verdade, mas quando ela lhe pede para que aja de acôrdo com a F.B.I. e sua consciência, êle insiste em dizer que não fêz nada de mal.

Stedman chega na cidade e Lucille fica num dilema, não sabendo se defendia o filho ou o convencia a contar a verdade à polícia. Finalmente, abalada pelos choques sofridos, ela cai doente. John, incapaz de suportar a tortura de ver sua mãe doente, resolve contar tudo, e é morto por um dos agentes inimigos. Lucille e Dan podem, então, orgulhar-se dêle.

PONTOS DE VISTA

(Cont. da pág. 24)

sitores populares brasileiros fizeram de suas melodias — principalmente para o carnaval — temos a certeza de que morreriam outra vez". — *MC.*

★

"A meu ver a pior coisa do mundo é um sujeito andar completamente fora de forma e se jactar de ser um grande, o maior dos maiorais, o insuperável. Faço essa dissertação com referência ao Bob Nelson. Quem disse àquele inocente de Campinas que êle canta alguma coisa?". — *JH.*

DISSE-ME-DISSE

(Cont. da pág. 2

Às vêzes o sujeito bate cabeça num ponto, pensando que está certo, ou muita vez, acredita que está agradando em cheio e, no final de contas, fracassa totalmente. Isso é o que acontece atualmente com o Afrânio Rodrigues, encapuçado agora de animador de auditório. Não concebemos tal aberração. Êle pode ser um locutor comercial apreciável, mas animador nunca. A animação do náuseo "Balança mas não cai" é uma prova berrante de nossa assertiva. O Afrânio devia tomar jeito e fazer sòmente uma despretenciosa locução comercial. Assim mesmo...

★

Waldeck Magalhães considera-se o maior "broadcaster" da radiofonia guanabarina. Há tempo dizia êle que, sendo superior ao Celso Guimarães, (na sua opinião, o melhor elemento da Rádio Nacional), êle tinha razão ao considerar-se como "o tal"...

O SEX-APPEAL DE...

(Cont. da pág. 19)

se apaixonaram um pelo outro, resultando no divórcio dêle de Lydia, a qual ganhou a custódia de Alessandra, sua filhinha de 5 anos. Nas vésperas de fazerem um segundo filme — "Latin Lovers" — Lana e Fernando tiveram uma violenta briga na fabulosa festa que Marion Davies ofereceu ao cantor John Ray, o que culminou com o definitivo rompimento do noivado. Como a discussão fôra motivada por Lex Barker, Fernando p r o c u r o u consolar-se jantando no dia seguinte com Arlene Dahl, ex-espôsa do *Tarzan*. Lana ainda é- a rainha da Metro-Goldwyn-Mayer e com a mesma facilidade com que arranjara para Fernando ser o galã de "Dangerous When Wet", com Esther Williams e "The Girl Who Had Everyting", com Elizabeth Taylor, ela conseguiu fazer com que êle fôsse substituído por Ricardo Montalban em "Latin Lovers". Mas, ao mesmo tempo em que Lana Turner exibia o seu prestígio nos estúdios do Leão, Fernando alimentava um ardente romance com a bela Arlene, revelando, por sua vez, que também possuía suficiente fôrça artística em Hollywood, pois fizera com que a Paramount se resolvesse a produzir

(Cont. na pág. 30)



Produção VERA CRUZ

Direção Lima Barreto

O CANGACEIRO

com

Alberto RUSCHEL - Marisa PRADO - Milton RIBEIRO - Vanja ORICO

Distr. COLUMBIA

O CANGACEIRO BATEU EM S. PAULO TODOS OS RECORDES DE BILHETERIA!

O lançamento de "O CANGACEIRO", produção da Vera Cruz, primeira direção de longa metragem de Lima Barreto, marcou o maior sucesso de bilheteria, para todos os filmes, em tôda a história de exibição em S. Paulo! "O Campeão Brasileiro de Bilheteria", título conquistado sob os aplausos da crítica e do público, foi visto, sòmente nas cidades de S. Paulo e Santos, por mais de 800 mil pessoas, durante 10 semanas consecutivas. . . e continua em cartaz, aumentando o prestígio do cinema brasileiro.

Se "O CANGACEIRO" tivesse sido exibido ùnicamente em um cinema levaria nada menos do que dez meses para igualar seu recorde de cêrca de 50 semanas, representadas pela exibição simultânea, primeiro em 26 cinemas e depois em menor número de salas, que êle conseguiu em sua temporada triunfal de dez semanas em dezenas de cinemas.

Dessa forma, foram integralmente confirmadas as previsões da direção da Vera Cruz e da Columbia, que antecipavam para o filme de Lima Barreto um grande e consagrador sucesso.

ESTRÉIA NO RIO

A imprensa e o público carioca têm manifestado grande interêsse em ver "O CANGACEIRO". Numerosos jornais da Capital da República chegaram mesmo a estampar a crítica de seus redatores especializados que foram assistir em São Paulo a monumental produção do cinema nacional. (Improp. até 14 anos).

SEGUNDA-FEIRA — 6 — EM 21 CINEMAS DO MELHOR CIRCUITO CARIOCA!

Rádio Cena



NEUSA MARIA
ASSASSINOU
VASSILIK PURCKIO!